

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LEUDSON DA SILVA COELHO

**ANÁLISE LINGUÍSTICA E ARGUMENTATIVA DO GÊNERO HORÓSCOPO
DIGITAL DO PERFIL ASTROLOUCAMENTE DO INSTAGRAM**

São Luís

2021

LEUDSON DA SILVA COELHO

**ANÁLISE LINGUÍSTICA E ARGUMENTATIVA DO GÊNERO HORÓSCOPO
DIGITAL DO PERFIL ASTROLOUCAMENTE DO INSTAGRAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria da Graça dos Santos Faria

São Luís
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Coêlho, Leudson da Silva.

Análise linguística e argumentativa do gênero horóscopo digital do perfil astroloucamente do Instagram / Leudson da Silva Coêlho. - 2021.

73 f.

Orientador(a): Maria da Graça dos Santos Faria.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Gênero horóscopo digital. 2. Modalidades argumentativas. 3. Texto de incitação à ação. I. Faria, Maria da Graça dos Santos. II. Título.

LEUDSON DA SILVA COELHO

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA E ARGUMENTATIVA DO GÊNERO HORÓSCOPO
DIGITAL DO PERFIL ASTROLOUCAMENTE DO INSTAGRAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria da Graça dos Santos Faria (Orientadora)
Doutora em Linguística
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito
Doutora em Linguística
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Marize Barros Rocha Aranha
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, força maior que conduz nossas vidas.

Produzir um trabalho científico requer compromisso, dedicação e organização, porém, apenas isso, não é bastante. Afetividade e apoio das pessoas são fundamentais na realização de mais uma fase da nossa trajetória de estudos e, portanto, são para elas que registro minha gratidão. Afinal, as palavras voam, os escritos permanecem.

À minha família: minha mãe, Maria da Paz, exemplo de força e coragem. Não há outra pessoa que me incentive e apoie em todas às minhas escolhas. Ela, com certeza, foi minha sustentação até aqui. Meus irmãos, sem exceção, são pessoas com quem pude partilhar conquistas e inseguranças.

Aos meus queridos amigos: Igor Linhares que sempre me incentivou e acompanhou de perto o processo de seleção desse mestrado e, principalmente, o processo de escrita, ora com meu entusiasmo, ora com minhas frustrações. Tamara (Vergell) que está comigo ao longo de muitos anos e que também compartilhamos a felicidade recíproca da aprovação no mestrado no mesmo ano. Sérgio Henrique, o amigo mais ocupado que conheço, mas sempre parou para me ouvir, dar conselhos e, indiscutivelmente, o melhor incentivador de pessoas que conheço.

Aos queridos colegas do mestrado da linha dois, com os quais realizei as melhores reflexões e discussões teóricas, além de contar com a amizade e palavras de apoio nesta caminhada acadêmica: Cláudia Tammy, Flávia Louise, Maria Luiza e Thays Lisboa.

À minha orientadora, professora Graça Faria, pela orientação durante todo o processo da pesquisa, pelo apoio às escolhas teóricas e pela motivação. Acrescento os meus agradecimentos às professoras do mestrado (PGLetras) Ilza Galvão Cutrim, Marize Aranha, Mônica Cruz e Veraluce Lima que inegavelmente contribuíram para minha pesquisa com avaliações certeiras, diálogos e leituras.

Finalmente, agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para realização desta etapa acadêmica.

“Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento.”

Mikhail Bakhtin

RESUMO

A partir da perspectiva dialógica da linguagem, esta pesquisa tem como objetivo principal investigar o gênero horóscopo digital do perfil *astroloucamente* da rede social *Instagram*, a fim de caracterizar sua construção linguageira e argumentativa. Ancoramo-nos na concepção de enunciado e gênero de (Bakhtin, 2011), gêneros e textos digitais de Marcuschi (2008) e as características do tecnodiscurso em Paveau (2017). Fundamentamo-nos, especialmente, nas noções de textos de incitação à ação, que são caracterizados por Adam (2019) como textos de finalidade prática, como, o gênero horóscopo, que traz conselhos e previsões para cada signo do zodíaco; e, na concepção de argumentação da Amossy (2008), analisamos a modalidade patêmica, uma vez que há um ponto de vista apresentado de modo a sensibilizar o leitor para obter sua adesão, e a modalidade pedagógica, visto que ocorre a transferência de um saber autorizado para um leitor que se encontra na condição de um aprendiz. A análise de dados é feita qualitativamente e de caráter explicativo, pois investigamos como o gênero horóscopo do perfil *astroloucamente* é construído linguística e argumentativamente no ambiente digital. Os resultados da análise confirmam que o gênero horóscopo, no ambiente digital, sofre uma transformação no estilo da linguagem que passa a ser coloquial, com uso de gírias, distanciando-se da linguagem mais formal do horóscopo tradicional, pois o horóscopo digital utiliza das ferramentas do ambiente digital que proporcionam uma interação por meio de curtidas, compartilhamento e comentários.

Palavras-chave: Texto de incitação à ação. Gênero horóscopo digital. Modalidades argumentativas.

ABSTRACT

From the dialogical perspective of language, this research has as main objective to investigate the digital horoscope genre of *astroloucamente* profile of its social network Instagram, in order to characterize its linguistic and argumentative construction. We are anchored in the conception of enunciation and genre of (Bakhtin, 2011), genres and digital texts by Marcuschi (2008) and the characteristics of the technodiscourse in Paveau (2017). We are based, especially, on the notions of incitement to action texts, which are characterized by Adam (2019) as texts of practical purpose, such as the horoscope genre, which brings advice and predictions for each sign of the zodiac; and, in Amossy's conception of argumentation (2008), we analyzed the pathemic modality, since there is a point of view presented in order to sensitize the reader to obtain its adhesion, and the pedagogical modality, since there is a transfer of knowledge authorized for a reader who is in the condition of an apprentice. Data analysis is done qualitatively and of an explanatory character, as we investigate how the horoscope genre of the profile *astroloucamente* is constructed linguistically and argumentatively in the digital environment. The results of the analysis confirm that the horoscope genre, in the digital environment, undergoes a transformation in the style of language that becomes colloquial, with the use of slang, distancing itself from the more formal language of the traditional horoscope. The digital horoscope uses the tools of the digital environment that provide interaction through likes, sharing and comments.

Keywords: Incitement text to action. Digital horoscope genre. Argumentative modalities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Omar Cardoso	20
Figura 2 – Horóscopo da Folha de São Paulo (1979).....	21
Figura 3 – Horóscopo de revista.....	21
Figura 4 – Revista de Horóscopo	21
Figura 5 – Horóscopo do gshow	23
Figura 6 – O perfil astroloucamente do Instagram	27
Figura 7 – A mãe de sagitário.....	29
Figura 8 – Peixes no BBB	29
Figura 9 – Áries, touro, leão e capricórnio	30
Figura 10 – O signo de leão e o trabalho	30
Figura 11 – Protótipo da sequência narrativa	37
Figura 12 – A raposa e as uvas	37
Figura 13 – Protótipo da sequência descritiva.....	39
Figura 14 – Desaparecida	40
Figura 15 – Protótipo da sequência argumentativa	41
Figura 16 – Impeachment.....	42
Figura 17 – Protótipo da sequência explicativa.....	43
Figura 18 – O que é COVID-1	44
Figura 19 – Protótipo da sequência dialogal	45
Figura 20 - Canção Sinal Fechado.....	46
Figura 21 – O ano novo de 2021.	62
Figura 22 – Touro, câncer e escorpião	64
Figura 23 – Qual tipo de escorpiano é você?.....	66
Figura 24 – Comentários do que tipo de escorpiano é você?	68
Quadro 1 – Síntese dos conteúdos das sequências textuais.....	34
Quadro 2 – Regularidades linguísticas dos textos de incitação à ação.....	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	LINGUAGEM, ENUNCIADO E GÊNERO EM BAKHTIN	12
2.1	Enunciado	13
2.2	Gêneros do discurso	15
3	O GÊNERO HORÓSCOPO: DA ANTIGUIDADE AO DIGITAL	19
3.1	O gênero horóscopo digital.....	23
3.2	O perfil astroloucamente do Instagram	26
4	AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS E OS TEXTOS DE INCITAÇÃO À AÇÃO	32
4.1	Sequências textuais: conceito e caracterização.....	32
4.1.1	Sequência narrativa	35
4.1.2	Sequência descritiva.....	38
4.1.3	Sequência argumentativa	40
4.1.4	Sequência explicativa.....	42
4.1.5	Sequência dialogal.....	44
4.2	Os textos de incitação à ação	47
5	ARGUMENTAÇÃO NO HORÓSCOPO DIGITAL.....	53
5.1	Noções de argumentação	53
5.2	Argumentação no discurso	54
5.3	Modalidades argumentativas	58
6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS	60
6.1	Caracterização da pesquisa	60
6.2	Delimitação do universo e procedimentos de análise.....	61
6.3	Análise dos dados	62
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

É por meio da linguagem que o homem articula suas experiências sociais e históricas. Quanto maior seu domínio de linguagem, maior é sua interação com o meio social em que vive, pois, a todo momento, ele está sendo persuadido e persuadindo, sendo informado e informando. O laço inseparável entre linguagem e sociedade (visto que uma exerce influência sobre a outra) recorre ao sistema da língua para que se manifestem as relações sociais entre os indivíduos.

Este interesse na dimensão interpessoal compartilha do entendimento de que todo uso da língua está relacionado aos contextos sociais, culturais e institucionais. Em um enfoque dialógico, a linguagem é entendida como uma atividade humana constitutivamente heterogênea, interativa, social em que a relação com o outro é a base da discursividade.

O círculo de Bakhtin trouxe importantes discussões filosóficas sobre as relações que envolvem a linguagem, em especial o dialogismo. Com base nessa perspectiva, o uso da linguagem se materializa em enunciados concretos, realizados a partir da intenção do locutor, considerando um interlocutor específico, dentro de determinadas situações socioideológicas, inseridos numa instância da comunicação humana.

Em outras palavras, a interação é considerada a base principal da linguagem. Investigar a linguagem, então, significa compreender os enunciados, os quais, conforme Bakhtin (2011), organizam-se nos gêneros do discurso.

Este trabalho se propõe a investigar o gênero horóscopo digital do perfil *astroloucamente* a fim de analisar a construção languageira e argumentativa deste gênero que é produzido e que circula no ciberespaço.

A construção desta pesquisa foi orientada por alguns questionamentos que serviram como nosso ponto de partida a) como o gênero horóscopo é produzido e circula no ciberespaço? b) como se manifestam as características languageiras no gênero horóscopo digital? c) como se realizam os modos de argumentar no gênero horóscopo digital?

As principais contribuições teóricas que apoiam nossa investigação são as noções de enunciado e gênero, de Bakhtin (2011), os gêneros e textos digitais na ótica de Marcuschi (2008) e tecnodiscurso em Paveau (2017), as noções de sequências textuais e, em especial, a concepção dos textos de incitação à ação de Adam (2019), e a argumentação no discurso (Amossy, 2018) e modalidades argumentativas (Amossy, 2008). Essas fundamentações teóricas são relacionadas a fim de proporcionar a base e critérios para análise do *corpus* desta pesquisa.

Os critérios de análise são estabelecidos a partir das regularidades languageiras que compõem os textos de incitação à ação de Adam (2019) e das modalidades argumentativas desenvolvidas por Amossy (2008) retirados em exemplos do perfil *astroloucamente* da rede social *Instagram* em que também será destacada a adaptação do gênero horóscopo ao ambiente digital.

No cenário de pesquisas que se debruçam a investigar o gênero horóscopo, encontramos trabalhos de Mourão (2005), Cordeiro (2013) e Staudt (2017). Em seu trabalho, Mourão (2005) analisa o gênero horóscopo numa perspectiva sócio-interacionista para o trabalho com leitura em sala de aula. Cordeiro (2013) investiga, em sua tese, o discurso no gênero horóscopo em revistas femininas, observando marcas de mudança e de permanência social, histórica e discursiva sofrida ao longo do tempo. Staudt (2017), por sua vez, analisa, a partir das revistas *Capricho* e *Claudia*, a construção discursiva de um público adolescente e adulto feminino.

A contribuição desta pesquisa está em comprovar como o gênero horóscopo no ambiente digital é construído em seus aspectos languageiros de um texto de incitação à ação e sua construção argumentativa em que se destacam as modalidades patêmica e pedagógica.

Organizamos a pesquisa em cinco capítulos. Excluído o item da introdução, o segundo capítulo apresenta os fundamentos teóricos do círculo de Bakhtin sobre a concepção de linguagem, enunciado e gênero do discurso, numa compreensão de língua como instância da interação da atividade verbal.

No terceiro capítulo, traçamos um breve percurso histórico sobre o gênero horóscopo da antiguidade ao início dos websites. E caracterizamos o horóscopo digital no perfil *astroloucamente* da plataforma *Instagram*, objeto maior desta pesquisa.

No quarto capítulo, discutimos a noção de sequência textual defendida por Adam (2019) como um dos mecanismos de organização da textualidade para diferenciar esta noção dos textos de incitação à ação do qual o gênero horóscopo faz parte.

No quinto capítulo, tratamos da concepção da argumentação no discurso de Amossy (2018) que estabelece a orientação argumentativa de todos os textos, diferenciando o conceito de visada argumentativa e dimensão argumentativa. Destacamos as modalidades argumentativas (Amossy, 2008), em particular a patêmica e pedagógica que defendemos ocorrerem no gênero horóscopo digital.

No sexto capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos iniciando pela caracterização da pesquisa, delimitação do *corpus* e a análise dos dados.

Por fim, apresentamos as considerações finais com o resultado desta pesquisa, estimulando o desenvolvimento de outras pesquisas relacionadas à área.

2 LINGUAGEM, ENUNCIADO E GÊNERO EM BAKHTIN

A concepção de linguagem defendida pelo círculo bakhtiniano tem servido de base para investigações em diversas áreas do conhecimento. A linguística, que tem como objeto de estudo a linguagem, tem incorporado algumas noções postuladas por Bakhtin e seu grupo como, por exemplo, o enfoque dialógico inerente às relações que se estabelecem entre os interlocutores em toda e qualquer situação comunicativa.

Observa-se, portanto, que as relações dialógicas são apreendidas discursivamente na língua. Em outras palavras, o sujeito e o sentido constroem-se discursivamente nas interações verbais, na relação um com o outro em uma determinada esfera da atividade humana, conforme assevera Bakhtin (2011, p. 282):

[...] o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram, e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências.

A linguagem, neste enfoque, constitui-se uma reação resposta a uma dada interação e expressa as relações do locutor com outros enunciados, isto é, são as outras vozes discursivas. É a partir desta noção que entendemos o enunciado como unidade real da comunicação verbal, uma unidade complexa de observação da língua em situação concreta (BAKHTIN, 2011). Sob esse aspecto, os enunciados inscrevem-se com uma estabilidade relativa (os gêneros discursivos) que orientam os sujeitos e a produção discursiva em situação concreta (BAKHTIN, 2011).

Segundo Di Fanti (2003, p. 108), “a concepção de linguagem, a partir de uma perspectiva dialógica, configura-se com uma rejeição a qualquer forma fechada no tratamento das questões da língua, pois, sendo o dialogismo constitutivo, a interação com o outro é um pressuposto.”

Podemos dizer assim que a linguagem, na abordagem dialógica bakhtiniana, não pode ser observada fora da sociedade, pois o enunciado, unidade concreta da interação verbal, possui uma instabilidade provisória, que tem em sua constituição características de cada situação em que o enunciado é produzido e onde circula.

2.1 Enunciado

A concepção de enunciado¹ embora abordada em diferentes textos dos pensadores russos, é na obra *Marxismo e filosofia da Linguagem* que Bakhtin e Volóchinov (2006) tratam deste tema quando discutem as características de enunciado, de fala e de língua. Essa discussão é realizada num momento em que o círculo tem um posicionamento crítico em relação às duas correntes linguísticas do século XX: de um lado, o subjetivismo idealista; do outro, o objetivismo abstrato, as quais têm, respectivamente, como seus principais representantes Humboldt e Vossler e Ferdinand de Saussure.

O subjetivismo idealista é criticado por Bakhtin e Volóchinov (2006), sobretudo, devido à interpretação que os estilistas clássicos têm de que a linguagem é uma representação fidedigna daquilo que existe na mente humana, e pelo fato de essa corrente não levar em consideração a interação verbal. Em outras palavras, o subjetivismo idealista tem a ideia de que o fator social não interfere na enunciação, e de que o modo como o sujeito se expressa está relacionado com a capacidade de pensar.

O objetivismo abstrato, segundo Bakhtin e Volóchinov (2006), que se norteia por meio das dicotomias saussurianas, compreende a língua como algo social e a aborda como um sistema psíquico e arbitrário. Com base nessa perspectiva, entende-se que o sujeito receberia, passivamente, da sua comunidade um sistema linguístico pronto, no qual ele não pode interferir conscientemente.

Com base nas críticas às duas correntes linguísticas, os teóricos russos consideram a língua como resultado de uma interação verbal, pois a língua só produz sentido quando inserida no contexto das relações entre sujeitos. Nessa perspectiva, observamos a língua em sua natureza comunicativa, isto é, a enunciação não se configura como algo individual e monológico, mas como um fenômeno de caráter social e dialógico.

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006, p. 116)

¹ Neste trabalho, em relação aos termos “enunciação” e “enunciado”, consideramos como sinônimos, dado que o próprio pensador não diferenciou em sua obra. Dessa forma, os conceitos sobre enunciado e enunciação são complementares porque o primeiro só se realiza e pode ser analisado em relação ao segundo. Cabe, ainda, salientar que nas traduções de língua portuguesa, ora aparece enunciação, ora enunciado.

Bakhtin (2011), em *Os gêneros do discurso*,² apresenta a noção de enunciado, que segundo o autor, deve ser compreendido como objeto de investigação, para entender a natureza dialógica da linguagem. Assim, afirma:

A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central, no pensamento linguístico, são o resultado do desconhecimento da real unidade da comunicação discursiva – o enunciado. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2011, p. 274).

Dessa forma, Bakhtin (2011) assevera que o enunciado é um elemento empregado em todas as atividades da comunicação verbal. Essas atividades são concebidas por meio de enunciados concretos, realizados pelos sujeitos em determinadas situações sociais, o que é constatado em “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real” (BAKHTIN, 2011, p. 275). A interação entre os interlocutores forma o princípio fundador da linguagem bakhtiniana que se realiza por meio do diálogo entre ouvinte e falante, mediado pela palavra, “modo mais puro e sensível de relação social”. (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 34).

Ponderamos, assim, ser necessário estabelecer a diferença “da oração como unidade de língua naquilo que a difere do enunciado como unidade da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 276). A oração, segundo Bakhtin (2011), é um fato gramatical, não é marcada pela alternância do sujeito, não leva em consideração a comunicação real, não pertence a ninguém, relações exteriores são ignoradas e não suscitam uma resposta por parte do interlocutor.

O contexto da oração é o contexto da fala do mesmo sujeito do discurso (falante); a oração não se correlaciona de forma imediata nem pessoal com o contexto extraverbal da realidade (a situação, o ambiente, a pré-história) nem com os enunciados de outros falantes, mas tão somente através de todo contexto que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto (BAKHTIN, 2011, p. 277).

Na concepção bakhtiniana, o enunciado, escrito ou falado, pressupõe um ato de comunicação, sendo, portanto, a unidade real do discurso. Nesse sentido, existe uma interação entre os sujeitos situados num contexto socialmente determinado. O ouvinte não é um ser passivo, pois, ao ouvir e entender o enunciado, ele pratica para consigo uma ação responsiva, ou seja, pode discutir, direcionar, ampliar, concordar ou não com o que está sendo dito, agindo de forma ativa na ação enunciativa.

² “Utilizamos as expressões “gênero do discurso”, gênero discursivo” e “gêneros textuais”. Conforme Marcuschi (2008) essas expressões podem ser usadas intercambiavelmente, salvo naqueles momentos em que se pretende, de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico.

O falante também não deseja uma reação passiva, pois age no sentido de provocar uma resposta, induz o outro almejando convencê-lo. Todo enunciado tem um começo e fim absoluto, porém o fim absoluto do enunciado não é o fim absoluto das interações verbais, pois outras interações já estão por vir, elas são ininterruptas. Dessa forma:

O ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Nesta ótica bakhtiniana, o enunciado apresenta três características: a alternância dos sujeitos falantes, acabamento específico do enunciado e a relação do enunciado com o próprio locutor e com outros parceiros da comunicação verbal. A *alternância dos sujeitos falantes* refere-se à natureza ativamente responsiva do enunciado, visto que o falante e o ouvinte não adotam posição passiva. O que é confirmado em: “toda compreensão é prenhe da resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2011, p. 271).

A segunda característica diz respeito ao *acabamento específico do enunciado*, que, de certo modo, retoma a alternância dos sujeitos falantes vista do interior. Essa mudança acontece, precisamente, porque o falante disse ou escreveu o que queria dizer em uma circunstância e em condições específicas.

A terceira característica diz respeito à *relação do enunciado com o próprio locutor e com outros parceiros da comunicação verbal*, pois o enunciado é o “elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 289). Em outras palavras, o enunciado é conteúdo do objeto de sentido, e é esse objeto de sentido que orienta a escolha do gênero discursivo em consonância com a esfera de comunicação do locutor.

2.2 Gêneros do discurso

Conforme Bakhtin (2011), toda sociedade elabora seus próprios enunciados, isto é, os gêneros do discurso são produtos das atividades comunicativas e estão postos diretamente no contexto cultural e social dos sujeitos. Dessa forma, percebe-se que gênero e enunciado estão intrinsicamente relacionados, pois a concepção bakhtiniana afirma que gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Os gêneros do discurso permitem, desse modo, a organização e a mediação do uso que fazemos da linguagem. Conforme Bakhtin (2011), todos os falantes de uma língua modelam

sua fala às formas dos gêneros e os reconhecem nos usos sociais. É esse reconhecimento que os indivíduos têm, ainda que de modo inconsciente, que permite a comunicação verbal, pois todo texto pode ser categorizado como pertencente a determinado gênero. Bakhtin (2011, p. 261) assevera: “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”.

Convém destacar que, nesta perspectiva dialógica, os enunciados estão em diálogo uns com os outros, e assim, devem ser observados:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011, p. 261-262).

Observa-se, assim, que a riqueza e variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a cada esfera de atividade humana comporta um repertório de gêneros do discurso que inclui indiferentemente um diálogo familiar, repertório de declarações públicas, formas variadas das esferas científicas, literárias, jornalísticas, etc.

Fiorin (2019), seguindo a mesma noção bakhtiniana, ratifica a concepção existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas.

Os gêneros estabelecem, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio de enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida introduz-se na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Organização composicional, conteúdo temático e estilo constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação (FIORIN, 2019, p. 69).

A **forma composicional**, o **conteúdo temático** e o **estilo** são propriedades compartilhadas a qualquer enunciado. A **forma composicional** diz respeito ao modo de organizar, de estruturar um texto. O requerimento, por exemplo, tem, em geral, uma estrutura simples composta por um único parágrafo, com a finalidade de solicitar algo, judicialmente amparado, para alguém em cargo de poder.

O **conteúdo temático**, de acordo com Fiorin (2019, p. 69), “não é um assunto específico de um texto, mas um domínio de sentido de que se ocupa o gênero”. No caso do

requerimento, é um gênero que serve para obter um bem, um direito ou uma declaração de uma autoridade pública.

O **estilo** diz respeito à seleção de meios linguísticos, isto é, escolhas lexicais, gramaticais em função do interlocutor e de como se presume seu entendimento responsivo sobre o enunciado. No caso do requerimento, há um estilo oficial, uma linguagem formal e objetiva.

“Fala-se e escreve-se sempre por gêneros e, portanto, aprender a falar e a escrever é, antes de mais nada, aprender gêneros” (FIORIN, 2019, p. 77). Na visão bakhtiniana, os gêneros são organizados em dois grupos: os primários e os secundários.

Os primários são os gêneros da vida cotidiana. São predominantemente, mas não exclusivamente, orais. Estes gêneros fazem parte da comunicação verbal mais espontânea, de contexto mais imediato. “A piada, o bate-papo, a conversa telefônica, o bilhete, o chat” (FIORIN, 2019, p. 77). Os gêneros secundários são predominantemente, mas não exclusivamente escritos, e pertencem à esfera de comunicação mais elaborada: a jornalística, a jurídica, a científica, etc.

Os gêneros secundários podem absorver os gêneros primários, transformando-os. Essa transformação acontece “porque eles perdem sua relação com o contexto imediato e sua vinculação com os enunciados concretos dos outros” (FIORIN, 2019, p. 78). Percebe-se, desta forma, que há uma relação de dependência entre os gêneros, os secundários valem-se dos primários, mas há casos em que os primários são influenciados pelos secundários.

Assim, segundo Fiorin (2019), um diálogo cotidiano dentro de um romance perde esse caráter imediato e transforma-se em um acontecimento literário. Do mesmo jeito, um diálogo entre amigos pode transformar-se em um discurso político, filosófico ou científico.

Temos insistido no fato de que os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, pois isto implica que é necessário observar a historicidade dos gêneros, considerando que o ponto de partida é a relação intrínseca existente entre o uso da linguagem e esferas de atividades humanas.

Depreende-se dessa relação que não se produz enunciados fora das esferas de comunicação, e são elas que ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados e que também desaparecem, se alteram, se modificam.

Com a internet, novos gêneros surgiram como: blogs, e-mails, redes sociais, assim como outros gêneros se modificaram e se adaptaram no ambiente digital. O horóscopo, objeto desta pesquisa, é um exemplo de gênero que se adaptou e se modificou no ambiente digital, em razão de todas as ferramentas tecnológicas que o meio dispõe.

Defendemos, neste trabalho, que o gênero horóscopo digital sofreu mudanças em sua estrutura composicional, no conteúdo temático e no estilo, o que será discutido de forma mais detalhada no item 3.2.

3 O GÊNERO HORÓSCOPO: DA ANTIGUIDADE AO DIGITAL

Desde a Antiguidade, o homem tem interesse pela astrologia ao buscar respostas na relação que se estabelece entre o movimento dos corpos celestes e os acontecimentos terrestres. “O interesse do homem pelos fenômenos do céu atravessou diferentes povos, entre os quais, podemos elencar os babilônios, os romanos, os incas, os maias, os chineses, os caldeus e, principalmente, os gregos” (ORTIZ, 2015, p. 18). Esses povos possuíam conhecimento sobre o céu e como isso refletia nas sociedades humanas.

Na Grécia Antiga, de acordo com o portal *Graecia Antiqua*³, os oráculos eram o mais importante e prestigioso meio de comunicação entre os homens e os deuses, a resposta da divindade às consultas de seus fiéis, quase sempre enigmática, fosse por meio de conselhos, fosse por meio de predições. Alguns oráculos eram “gerais”, ou seja, recebiam todo tipo de consulta; outros eram especializados, como, por exemplo, os templos de cura de Asclépio e de Anfiarau, que orientavam os fiéis em questões de saúde e doença.

Edgar Morin (2008), filósofo francês, que refletiu sobre a comunicação e outros temas importantes, também tratou da astrologia e sua influência na formação de sociedades humanas:

Desde a Antiguidade, as sociedades humanas elaboraram concepções a respeito de um universo no qual cada uma delas se inscrevia. Essas sociedades modelaram sua organização de acordo com a ordem cósmica: seus calendários foram estabelecidos com base nos ciclos solares e lunares. (MORIN, 2008, p. 9).

Segundo este autor, até os séculos XVI e XVII, a astrologia tinha um forte apelo popular, porém, nesse período histórico, surge uma ruptura entre a astrologia e a astronomia, em que a primeira ocupa um lugar incerto na sociedade e a segunda conquista status de ciência.

A astrologia foi rechaçada como superstição, simultaneamente, pelo cristianismo e pelo racionalismo científico. Só conseguiu reconquistar seu espaço no contexto da subjetividade individual, único lugar em que lhe foi reconhecida alguma objetividade. A sociedade não se encontra mais inscrita no cosmo e, a partir do século XIX, foi forçada a inserir-se em um devir irresistível que lhe promete o controle do mundo. (MORIN, 2008, p. 12).

Depois de permanecer nessa espécie de incerteza durante séculos, a astrologia, condenada pela religião e desconsiderada pela ciência, ressurgiu ao longo do século XX. Esse retorno da astrologia coincide com a presença diária da publicação de horóscopos nos jornais.

³ Ribeiro Jr., W.A. **Portal Graecia Antiqua**, São Carlos, 4 nov. 1997. Disponível em: <https://greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0612>. Acesso em: 13 maio 2021.

Sai “dos cenáculos dos grupúsculos e da porta fechada dos consultórios para estar presente na grande imprensa” (PETROSSIAN, 1972, p. 27).

No Brasil, essa divulgação de horóscopo nos meios de comunicação de massa (jornais rádios e, posteriormente, a televisão) não foi diferente, pois os grandes jornais do Brasil tinham espaço para previsões diárias dos signos do zodíaco.

Um dos principais nomes de divulgação do horóscopo no Brasil foi o astrólogo Omar Cardoso (Figura 1) que, nos anos de 1950, começou uma atividade de comunicação social, atuando em São Paulo e Rio de Janeiro, com várias publicações em jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão (SUZUKI, 2007).

Figura 1 – Omar Cardoso



Fonte: Revista Horóscopo (1974)

Segundo Suzuki (2007, p. 35), “a década de 1950 pode ser considerada como o início do despertar da astrologia para o grande público leitor de jornais e revistas”. (Figuras 02, 03 e 04).

E a partir daí, “tornaram-se habituais, nos jornais diários e nas revistas semanais e mensais, as seções astrológicas com previsões para cada um dos doze signos” (SUZUKI, 2007, p. 35). E passou a ser também comum, no início de cada ano, publicação de matérias com previsões anuais e publicações relacionadas a grandes tragédias. (SUZUKI, 2007).

Figura 2 – Horóscopo da Folha de São Paulo (1979)

Horóscopo		EMILE SUTRA			Signo de Hoje	
					Virgem,	
Signos	Carneiro (21/3 a 20/4)	Touro (21/4 a 20/5)	Gêmeos (21/5 a 20/6)	Câncer (21/6 a 21/7)		
Dia-a-dia	Recete uma excessiva suscetibilidade. Descontra-se.	Não se entregue a total rotina. Torne-se útil.	Escape a uma má influência pessoal. Prejudicial.	Use de toda a sabedoria para superar uma fase ruim.		
Dinheiro	Supere um obstáculo financeiro com inteligência.	Estabeleça uma ordem em suas finanças. Economize.	Amplas recompensas por esforços firmes. Otimo.	Vigie suas hesitações em termos de trabalho.		
Amor	Não se atole em resolver um caso amoroso. Reflita.	Se não der certo esse romance, não se aflija. Rei morto, rei posto.	A vida sentimental poderá sofrer um baque. Previna-se.	Momentos de desânimo sentimental. Prejudicial.		
Destino	Toda a força de vontade e pouca. Vá em frente.	Encontre seu sistema nervoso. Tranquilidade e paz.	Riscos de imprudência e tempestades. Itim em termos de futuro.	Aja com audácia e boas iniciativas. Sucesso.		
Signos	Leão (22/7 a 22/8)	Virgem (23/8 a 22/9)	Balança (23/9 a 22/10)	Escorpião (23/10 a 21/11)		
Dia-a-dia	Não se arrebate a monotonia do dia-a-dia. Itim.	Boas momentos ocasionados pelo otimismo.	Resguarde-se de mudanças bruscas de temperatura.	Não desanime, pois existem pequenos obstáculos.		
Dinheiro	Empenha-se em progredir monetariamente. Itim.	Estabeleça uma certa independência financeira.	Mantenha-se firme num projeto de trabalho.	Boas perspectivas de ganhar dinheiro nas artes.		
Amor	Valorize a pessoa amada. Analise-a bem.	Possíveis rivalidades. Lute e vença com honestidade.	Esse amor corre sérios riscos de acalhar. Pense na situação.	Se não estiver livre, um novo e sedutor idílio.		
Destino	Não ceda ao tedio que tenta envolver. Vire.	Não se reserve. Vença a timidez e o desânimo.	Controle sua timidez e falta de segurança.	Mostre-se compreensível e regularize sua vida atual.		
Signos	Sagitário (22/11 a 21/12)	Capricórnio (22/12 a 20/1)	Aquário (21/1 a 19/2)	Peixes (20/2 a 20/3)		
Dia-a-dia	Afaste o pessimismo e o apartismo que existe em você.	Sol e Júpiter em boa conjunção ser-lhe-ão favoráveis.	Use de toda a prudência hoje. Perigo.	Esperar através um bom dia superando desavenças.		
Dinheiro	Elevado grau de impaciência atrapalhando seus planos.	Lucidez e método acompanharão seus planos.	Chances de progredir no setor profissional.	Mantenha grande atividade em sua profissão.		
Amor	Boas inspirações no setor amoroso. Itim.	Você terá tendências para a levandade e o egoísmo.	Perigos correntes de agressividade na vida a dois.	Perspectivas sentimentais melhoradas e mais estáveis.		
Destino	Controle seus mais impulsos e assim será feliz.	Forte desejo de ajudar de conquistar. Itim.	Impulsos que perturbarão sua paz e tranquilidade.	Não faça confidências a qualquer pessoa que lhe apareça.		

Fonte: Jornal Folha de São Paulo ⁴

Figura 3 – Horóscopo de revista



Fonte: Revista Capricho (1984)

Figura 4 – Revista de Horóscopo



Fonte: Editora Abril (1999)

⁴ SUTRA, Emile. Horóscopo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 58, n. 18.503, 30 nov. 1979. Ilustrada. p. 38. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=7145&keyword=Horoscopo&anchor=4273009&origem=busca&originURL=&pd=54ffafac9c7b7c2274da3842a37efab>. Acesso em: 20 ago. 2020.

O gênero horóscopo tem como propósito comunicativo um discurso preditivo, com ênfase nas características de cada signo do zodíaco e com conselhos para as diferentes áreas da vida humana: amor, saúde e dinheiro. E com esta constituição vai para a mídia digital.

Na década de 1990, surgiram os primeiros *websites* no Brasil, tornando-se o novo suporte para expansão do gênero horóscopo. Os *websites* realizam também a publicação de horóscopos diários, semanais e mensais, com previsões e com aconselhamentos para os doze signos.

O primeiro *website* a incluir astrologia em seu conteúdo foi o Universo Online (UOL), que entrou na rede em 1996 e tinha uma seção dedicada à astrologia chamada “atração astral”, na qual enfocava combinações amorosas entre os signos. Em 1997, entra no ar o *website* Terra, com a seção “almas gêmeas”, que tinha horóscopo e a combinação de signos em busca de um par ideal. Uol e Terra aumentaram o espaço dedicado à astrologia em 2001. (ORTIZ, 2015, p. 113)

Há, contudo, uma significativa mudança na elaboração dos horóscopos que começam a se valer de estratégias publicitárias/mercadológicas com a divulgação de serviços na mídia, a exemplo de previsões astrais, mapas astrais, astrologia vocacional, consultas pessoais e outros serviços. Assim, o horóscopo se constitui no ciberespaço como um gênero híbrido, ou seja, de natureza astrológica e publicitária, pois tem o propósito de mostrar previsões, aconselhamentos, além de vender padrões de comportamento, beleza, etc. Para Leibrunder (2000, p. 230), o horóscopo é um gênero híbrido por ser:

[...] uma prática eminentemente heterogênea, na medida em que incorpora no seu fio discursivo tantos elementos provenientes daquele que lhe serve de fonte – o discurso astrológico – quanto daquele que pretende atingir – o discurso jornalístico [publicitário].

Destacamos também o *website* gshow, produto do Grupo Globo, que apresentava as previsões do dia a dia para os diferentes signos, e que trazia outros serviços que vão além das previsões dos zodíacos, como a numerologia, tarot, mapa sexual, mapa numerológico, etc. (Figura 05).

Figura 5 – Horóscopo do gshow

Fonte: HORÓSCOPO etc. In: GSHOW. Disponível em: <https://horoscopo.gshow.globo.com/> Acesso em: 28 jul. 2020.

3.1 O gênero horóscopo digital

Segundo Marcuschi (2008, p. 199), “a comunicação mediada por computador abrange todas as esferas de comunicação e os respectivos gêneros que surgem nesse contexto”. O autor cita entre os gêneros mais conhecidos o e-mail, os chats (em todas as modalidades) e videoconferência. Afirmar, ainda, que esses gêneros emergentes parecem “projeções ou transmutações de outros como suas contrapartes prévias, como, por exemplo, o e-mail uma variação da carta, o bate-papo uma variação da conversa face a face” (MARCUSCHI, 2008, p. 199).

Marcuschi (2008) considera que o estudo da comunicação virtual, na perspectiva de gêneros, é particularmente interessante, tendo em vista que “a interação on-line tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros”.

Se tomarmos o gênero enquanto texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, que interfere em boa parte dessas condições, deve também inferir na natureza do gênero produzido. Não é propriamente a estrutura que se reorganiza, mas o quadro que forma a noção de gênero. Em suma: muda o gênero. (MARCUSCHI, 2008, p. 198)

Diante disso, é necessário questionar-se que tipos de prática social emergem com as novas formas de discurso virtual pela internet? Para esta pergunta, Marcuschi (2008, p. 203) responde: “Pode-se falar em letramento digital? Creio que é cedo para tanto. Mas já se pode dizer que temos novas situações de letramento cultural”.

Para explicar o papel da linguagem na internet e o efeito da internet na linguagem, Cristal (2001 apud MARCUSCHI, 2008, p. 1999) destaca três aspectos:

- a) Do ponto de vista da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética;
- b) Do ponto de vista da natureza enunciativa da linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio;
- c) Do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é incontestável: a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet, a escrita continua essencial.

Nesse sentido, Marcuschi (2008, p. 199) afirma que “novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal”. Podemos assim entender que a comunicação usada na internet abrange todos os formatos de comunicação e os respectivos gêneros que emergem nesse contexto. A relevância de se tratar desses gêneros textuais reside, de acordo com Marcuschi (2008), em quatro aspectos:

- a) São gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado;
- b) Apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios;

- c) Oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade;
- d) Mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la.

No atual cenário de textos produzidos e que circulam no espaço digital, a linguista Marie-Anne Paveau (2017) defende que os textos que se materializam na internet sejam concebidos como discursos nativos digitais ou como tecnodiscursos. A autora afirma que a mudança realizada no ambiente digital impacta nas relações que temos com os textos que ali estão. Para Paveau (2017), os dispositivos tecnológicos, a internet e os objetos que se integram no ambiente digital estão gradualmente ocupando espaço e fazendo parte da nossa existência.

De acordo com a autora, os tecnodiscursos devem ser considerados por meio de uma noção ecológica, ou seja, sob uma interpretação que supere o quadro epistêmico pré-digital, pois as análises comparam ou aplicam categorias teóricas pré-digitais aos tecnodiscursos. Essa superação epistêmica ocorre na medida em que, segundo Paveau (2017), as relações existentes entre agentes não humanos e produções languageiras sejam observadas de forma integrada:

Não é uma questão de hipertroficar o tecno- e de cair no mito da máquina toda-poderosa, destituindo o humano do seu status de sujeito, mas não parece adequado conservar uma definição homogênea e exclusiva da linguagem, como um produto apenas da faculdade humana controlada pela intencionalidade do sujeito (PAVEAU, 2017, p. 11).

A Análise do Discurso Digital, conforme Paveau (2017), é um conceito de caracterização e investigação do funcionamento das produções em linguagem nativa da internet em seus espaços de produção, que busca mobilizar recursos languageiros e não languageiros no ambiente digital on-line. Segundo a autora, os textos nativos digitais possuem seis traços característicos: composição, deslinearização, aumento, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade.

A **composição** remete ao contexto híbrido entre a linguagem e tecnologia de computador. Os tecnodiscursos apresentam em sua composição languageira características semióticas variadas (imagem, som, vídeo, escrita, etc.), e questões técnicas da informática que se misturam na produção digital on-line.

A **deslinearização** diz respeito ao modo de ler e produzir textos de forma não tradicional, pois não segue um percurso linear de escrita/produção. A presença de *hiperlinks*, por exemplo, permite ao leitor ser direcionado para outros ambientes digitais.

O **aumento** está relacionado à possibilidade de ampliar ou estender o texto-fonte. Os comentários on-line, por exemplo, são tecnodiscursos que permitem alongar os conteúdos desenvolvidos pelo texto-fonte no ambiente digital.

A **relacionalidade** trata da conexão entre os discursos nativos digitais, seja entre textos, seja entre dispositivos tecnológicos. Essas relações perpassam por uma subjetividade da organização das interfaces de leitura e escrita, e precisam ser observadas numa perspectiva integrada, em que linguagem e tecnologia possam ser correlacionadas.

A **investigabilidade** refere-se à possibilidade de rastrear o discurso nativo digital. Por meio de sistemas de busca, os leitores podem encontrar textos antigos e localizar postagens específicas, como, por exemplo, as *hashtag*.

A **imprevisibilidade** compreende que os discursos nativos digitais são produzidos por meio de programas e algoritmos e, portanto, mostram enunciados imprevisíveis, como, por exemplo, anúncio patrocinados no *feed* das redes sociais. Essas são características que Paveau (2017) indica como sendo as mais amplas para investigar os textos nativos digitais.

Embora o horóscopo não seja um gênero nativo digital, as significativas mudanças ocorridas desse gênero, no ciberespaço, não podem ser ignoradas, tendo em vista a transmutação das propriedades do gênero: forma composicional, conteúdo temático e estilo.

Apresentamos a seguir o perfil *astroloucamente* da rede social *Instagram*, para caracterização dos enunciados que compõem o que chamamos de gênero horóscopo digital.

3.2 O perfil astroloucamente do Instagram

Na rede social *Instagram*, há uma variedade de perfis que abordam diferentes temas, como, por exemplo, culinária, arquitetura, dicas de moda, beleza e horóscopos. Estes perfis são considerados hipergêneros, pois na concepção de Bonini (2011, p. 681) são “agrupamento de gêneros para compor uma unidade maior ou a um gênero formado por outros gêneros”.

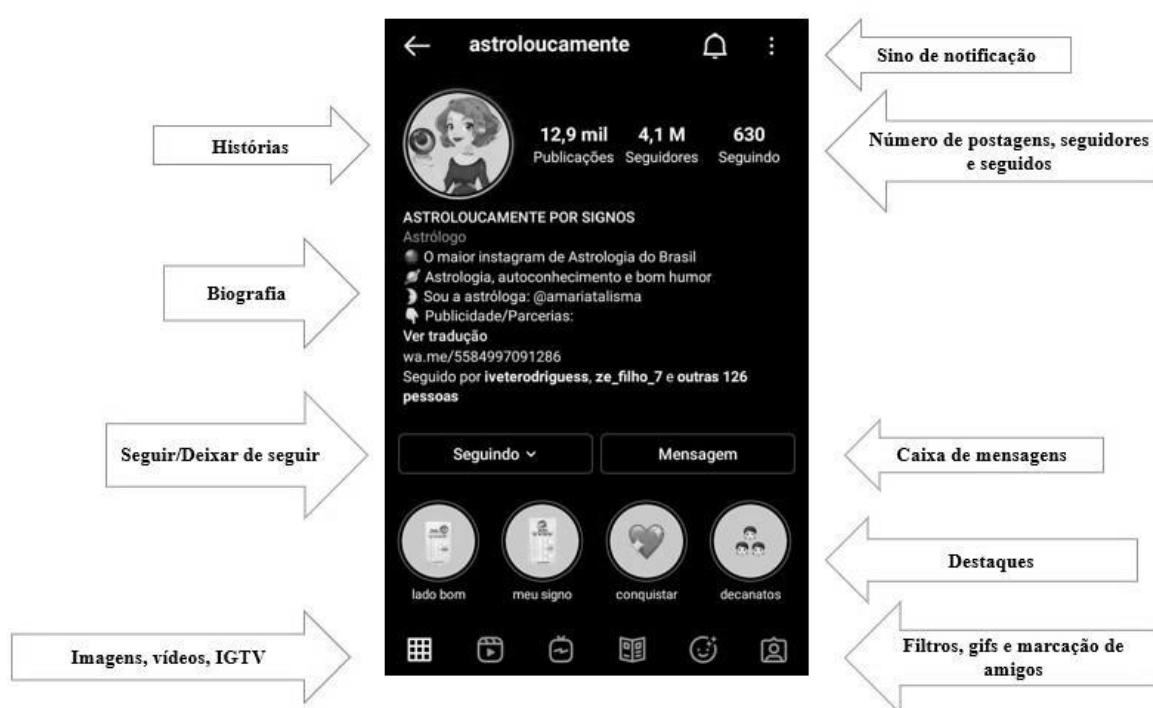
O *astroloucamente* é um perfil constituído de vários gêneros que formam um gênero maior, neste caso, o horóscopo, que realiza as previsões diárias do signo do zodíaco, mas também há em sua constituição outros gêneros como anúncio publicitário, venda de anúncios e serviços relacionados ao zodíaco. Nesse compósito de gêneros, nosso foco incide no gênero horóscopo do perfil *astroloucamente*.

A escolha deste perfil ocorre em razão deste gênero horóscopo digital utilizar dos diferentes recursos tecnológicos que esse ambiente dispõe, além do engajamento entre os

internautas por meio de curtidas, comentários e, principalmente, compartilhamentos e do número significativo de seguidores.

Na Figura 6, apresentamos o perfil *astroloucamente* publicado e atualizado pela astróloga @mariatalismã. Nesta apresentação, observam-se os componentes do lado esquerdo: os *stories*, a **biografia** (bio) com a descrição do perfil, que sempre se atualiza. Há ainda o **link** que direciona o internauta para o WhatsApp da astróloga, com o propósito de realizar ações publicitárias e parcerias comerciais. E, finalmente, a função **seguir/deixar de seguir**.

Figura 6 – O perfil astroloucamente do Instagram



Fonte: TALISMÃ, Maria. **Astroloucamente por signos**. [S.l.], 2 mar. 2017. Instagram: @astroloucamente. Disponível em: <https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br>. Acesso em: 9 maio 2021

Do lado direito do perfil, encontram-se os componentes como o **sino de notificação**, o **número de postagens** (publicações) e o **número seguidores e seguidos**, que indicam aos leitores a dimensão do engajamento ao perfil. Quanto maior o número de seguidores do perfil (4,1 milhões), maior interesse em divulgação publicitária. Em seguida, vem a **caixa de mensagens** que possibilita diálogos entre a astróloga e os seguidores de forma privada. E os **destaques**, que fixam histórias do perfil do horóscopo digital por tempo indeterminado, funcionando como uma linha do tempo. Desse modo, a astróloga pode retirar ou adicionar postagens a qualquer momento.

Na parte inferior do perfil, encontram-se as **imagens, vídeos e IGTV** (aplicativo de vídeos longos) que são os conteúdos desenvolvidos pelo perfil e publicados no *feed* do *Instagram*. Ainda na parte inferior, encontram-se **filtros, gifs e marcação de amigos**, recursos semióticos que proporcionam um dinamismo nas interações entre os internautas e o perfil.

Além dos componentes já apontados na Figura 6, o perfil *astroloucamente* também traz postagens acompanhadas por imagens e legendas que conferem juntos um sentido ao texto. Após a postagem, os seguidores confirmam a leitura com curtidas ou comentários e, ainda, tem a opção de compartilhar a postagem em outros perfis das redes sociais. Isto revela a composição híbrida que traz características languageiras e tecnológicas.

Destacamos, ainda, que os comentários do horóscopo digital possibilitam um prolongamento da postagem quando os internautas concordam ou não com o que foi divulgado. Esta possibilidade de prolongamento confirma a característica de aumento postulado por Paveau (2017) sobre textos realizados em ambiente digital. Os comentários podem ser materializados não só pela escrita ou por imagens, mas, também, por meio de *emojis* ou *gifs*.

Quase sempre, as legendas das postagens são acompanhadas de *hashtag* – uma palavra-chave antecederida pelo jogo da velha (#) que tem a função de facilitar a localização de conteúdos e o perfil da rede social, buscando, assim, não só engajamento de mais seguidores, como também possibilitando o rastreamento por meio de um sistema de busca. A esta possibilidade, Paveau (2017) denominou de investigabilidade das produções em linguagem da internet.

Destacamos ainda que o perfil *astroloucamente*, por contar com componentes, *links* e produzir postagens em variadas semioses, permite uma leitura que não é linear como os textos escritos tradicionais, confirmando, a característica da deslinearização postulada por Paveau (2017).

Vale destacar a conexão entre os dispositivos tecnológicos do perfil *astroloucamente* em que linguagem e tecnologia são correlacionados e também a ocorrência de enunciados imprevisíveis de anúncios patrocinados no feed. Estas características são denominadas por Paveau (2017) de relacionalidade e de imprevisibilidade respectivamente.

O gênero horóscopo digital não se distancia totalmente daquele tradicional horóscopo publicado em outros suportes – jornais e revistas – no propósito de traçar um perfil do signo do zodíaco, de aconselhar e de fazer previsões. No entanto, o horóscopo digital do perfil

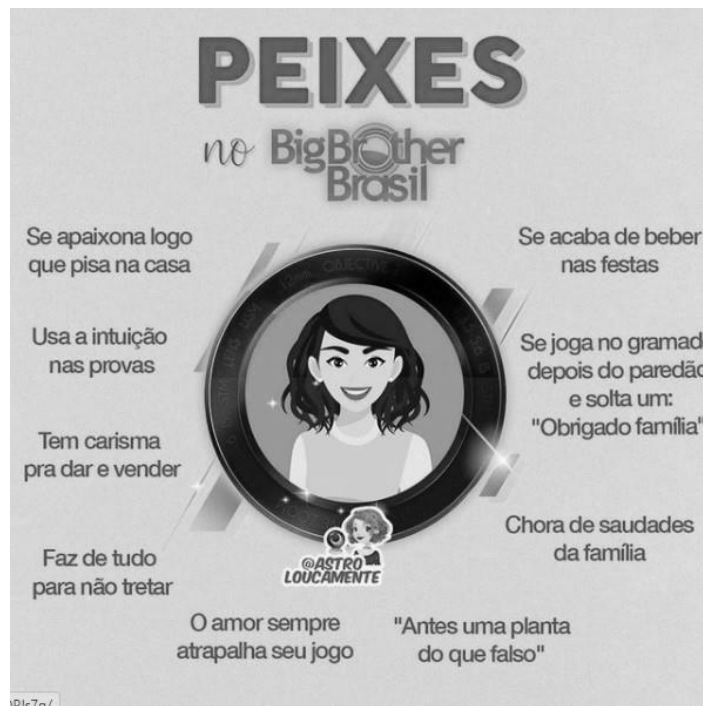
astroloucamente traz inovações na composição, no conteúdo temático e no estilo, o que pode ser observado nas Figuras 07, 08, 09 e 10 a seguir:

Figura 7 – A mãe de sagitário



Fonte: TALISMÃ., Maria. **A mãe de sagitário**. [S.l.], 2 mar. 2017. Instagram: @astroloucamente. Disponível em: <https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br>. Acesso em: 9 maio 2021.

Figura 8 – Peixes no BBB



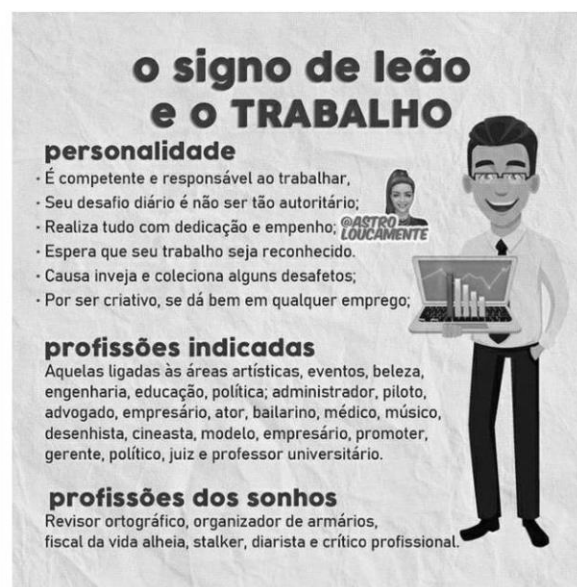
Fonte: TALISMÃ., Maria. **Peixes no Big Brother Brasil**. [S.l.], 2 mar. 2017. Instagram: @astroloucamente. Disponível em: <https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br>. Acesso em: 9 maio 2021.

Figura 9 – Áries, touro, leão e capricórnio



Fonte: Instagram: @astroloucamente⁵

Figura 10 – O signo de leão e o trabalho



Fonte: Instagram: @astroloucamente⁶

No ambiente digital, o gênero horóscopo sofre uma mudança no que se refere à estrutura composicional, tendo em vista as variadas semioses (áudio, vídeo, *emojis*, *gifs*) e os recursos tecnológicos que o meio dispõe. Ocorre também uma expansão dos aspectos temáticos com o propósito de construir um perfil dos signos buscando alcançar uma identificação nos diferentes grupos dos internautas. Entre esses aspectos temáticos, há descrição dos perfis de pai, de mãe (Figura 7), de estudantes do Enem, de profissões e até perfis de participantes de *reality show* (Figura 8).

No que se refere ao estilo, pode-se observar a informalidade da linguagem utilizada nas postagens, como marcas de oralidade, uso de gírias e o lúdico (Figuras 9 e 10), marcando uma interação de um público jovem. É preciso ressaltar que essas postagens seguem uma regularidade em temas e a utilização de uma linguagem coloquial e com o uso de várias semioses – memes, *emojis*, *gifs*, o que nos faz acreditar que tudo isso distancia este horóscopo digital daquele mais tradicional.

⁵ TALISMÃ., Maria. **Áries, touro, leão e capricórnio**. [S.l.], 2 mar. 2017. Instagram: @astroloucamente. Disponível em: <https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br> Acesso em: 9 maio 2021.

⁶ TALISMÃ., Maria. **O signo de leão e o trabalho**. [S.l.], 2 mar. 2017. Instagram: @astroloucamente. Disponível em: <https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br> Acesso em: 9 maio 2021.

Caracterizamos a seguir as noções de sequências textuais e de textos de incitação à ação (Adam, 2019), o qual contempla três grandes grupos que vão de textos injuntivos e procedurais às diferentes formas de conselho, onde se encontra o gênero horóscopo.

4 AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS E OS TEXTOS DE INCITAÇÃO À AÇÃO

4.1 Sequências textuais: conceito e caracterização

Embora o ponto de partida desenvolvido por Adam (2019) sobre a teoria das sequências textuais sejam as concepções de gênero e enunciado (BAKHTIN, 2011), o linguista francês investiga como objeto de estudo o que é estritamente linguístico em um texto. Além dos conceitos de gênero e enunciado, a noção de sequência tem em suas bases, segundo o autor, outros conceitos-chave: o conceito de protótipo (ROSCH, 1978); os de base e tipo de texto (WERLICH, 1975) e de superestrutura (VAN DIJK, 1978).

Da definição de protótipo de Rosch (1978 apud ADAM, 2019) assimila a ideia de que, apesar da infinidade de combinações e transformações das sequências dentro dos gêneros, é possível perceber formas fundamentais da linguagem. Nesse sentido, o autor considera que, mediante uma heterogeneidade textual, encontram-se “tipos relativamente estáveis de enunciado”. Em outras palavras, o protótipo é o objeto mais típico da categoria; é aquele que reúne o maior número de pistas de validade para ser membro dela. Conforme Adam (2019, p. 63):

Da mesma forma que o protótipo cultural do pássaro – geralmente bastante próximo do pardal ou do canário – permite distinguir [...] uma coruja, uma cegonha e até mesmo um avestruz e um pinguim de outros animais, também parece existir um esquema prototípico da sequência narrativa que permite distingui-la de uma sequência descritiva, argumentativa ou outra. É o esquema ou imagem central do protótipo abstrato, construído a partir de propriedades típicas da categoria que permite o reconhecimento subsequente deste ou daquele exemplo como mais ou menos prototípico.

Bonini (2005, p. 210), com base em outros trabalhos anteriores de Adam, concorda com esse entendimento, pois:

A categoria de pássaros, por exemplo, constitui-se por um princípio de gradualidade, dispondo seus membros mais ou menos distantes do núcleo (conforme o número de pistas que compartilham com o protótipo). Nessa categoria, o núcleo seria preenchido pelo pardal, o representante mais típico, estando os membros como avestruz e pinguim na periferia, por deterem poucas pistas de validade em comum com o modelo (o pardal).

Diante disso, compreendemos que, para Adam, os gêneros e seus exemplares são organizados em categorias pelos traços que partilham com as sequências (os protótipos). Gêneros como romance, conto, fábula, notícia compõem o grupo dos gêneros narrativos, pois são atravessados pela sequência narrativa.

As sequências também são concebidas com base nos conceitos de base e tipo de texto de Werlich (1975, p.14 apud BONINI, 2005, p. 210) como referência para interpretar a competência textual do falante, pois:

Se toda comunicação entre os seres humanos é uma comunicação por meio de textos, então os falantes e escritores competentes também podem ser vistos como seguindo, na produção da sentença, regras que servem para criar textos, ou seja, regras pelas quais as sequências de palavras e de sentenças são, ou podem ser, combinadas em totalidades linguísticas mais amplas e significativas

Dessa forma, o falante/escritor utilizaria de um conhecimento intuitivo sobre o texto e sobre a composição dos tipos de textos. Esse conhecimento, por sua vez, estaria situado em duas questões: a primeira seria o contexto (dispondo a referência textual) e a mente (dispondo processos cognitivos relacionados ao contexto e à produção do texto). Do encontro dessas duas questões, é que aparece o conhecimento sobre os mecanismos textuais e sobre os tipos realizados na atividade comunicativa.

Já em relação à superestrutura de Van Dijk (1978 apud ADAM 2019, p. 22) assevera que essa noção compreende estruturas globais que se assemelham a um esquema. Diferente das macroestruturas, elas não determinam um ‘conteúdo’ global, mas sim, a ‘forma’ global de um discurso. Adam (2019, p. 22) afirma que abandonou o termo “superestruturas” de Van Dijk porque “essa noção recobre unidades textuais vagas demais”.

Sigo parcialmente sua primeira definição de superestruturas: as macroproposições, pelo menos aquelas de um nível mais elevado, serão organizadas pelas categorias esquemáticas da superestrutura, por exemplo, o esquema narrativo. Contudo, a confusão entre um plano de texto simples (responsável pela segmentação visível-legível do texto escrito em partes – capítulos, seções, parágrafos) gera muita confusão. (ADAM, 2019, p. 22)

Adam adota, ainda, a concepção de gênero e enunciado bakhtiniano, entretanto preconiza como objeto de investigação o que é especificamente linguístico no texto. Sobre a concepção de gênero e enunciado, Adam (2019, p. 27) afirma que:

Os tipos relativamente estáveis de enunciados que Bakhtin designa como gêneros “primários” estão presentes tanto nos gêneros literários (gêneros “secundários por excelência) quanto nos enunciados da vida cotidiana. A hipótese de “gêneros da fala” anteriores à literatura e às formas discursivas elaboradas, que eles ultrapassam por sua generalidade, tem o mérito de fundar a complexidade das formas mais elaboradas em um certo número de formas elementares. Os tipos relativamente estáveis de enunciado estão disponíveis para infinitas combinações e transformações.

Para Adam (2019), certas formas primárias dos gêneros do discurso não são genéricas. Em outras palavras, correspondem a certas formas elementares de narração, de descrição, de argumentação, de explicação e de diálogo.

Muitos gêneros discursivos fixam, com mais ou menos, amplitude, o tipo de forma primária dominante. Assim, os gêneros conto e fábula são narrativos, enquanto o gênero epistolar (com seus subgêneros: carta pessoal, administrativa, carta do leitor na imprensa etc.), a entrevista e o teatro devem

ser considerados gêneros como gêneros conversacionais, e o guia turístico, como um gênero de dominância descritiva. (ADAM, 2019, p. 28)

Assim sendo, Adam (2019) estipulou, que os fatores regulares “narração, descrição, argumentação, explicação e diálogo”, fossem postos em um grau menos elevado de complexidade, ao qual chamou de sequência. Nessa perspectiva, o linguista francês define sequência como:

Uma rede relacional decomponível em partes interligadas entre si (as macroproposições) e conectadas ao todo que elas constituem sequência; uma entidade relativamente autônoma, dotada de organização interna pré-formatada que lhe é própria e que, portanto, está em relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual é parte constitutiva: o texto. (ADAM, 2019, p. 46)

Para Adam (2019), compreender o texto como uma estrutura sequencial permite abordar a heterogeneidade composicional em termos hierárquicos muito gerais. Com base nessa definição, ele estipula a fórmula geral: **[sequência [macroproposições [proposição (ões)]]]** (grifos meus) e explica:

As proposições são interpretadas como componentes de uma unidade superior (MP), que só se define, no caso da sequência, como uma unidade constituinte de sequência e, no caso, dos parágrafos, como uma unidade de um plano de texto. Essa definição de cada unidade constituinte de uma unidade de nível superior de complexidade constituída de unidades de nível inferior é a condição primeira para uma abordagem unificada de sequências textuais. (ADAM, 2019, p. 50)

O quadro 1 mostra a síntese das sequências propostas por Adam (2019). Cada sequência está relacionada à representação dos efeitos de sentido esperados e às suas respectivas macroproposições. Cada uma das sequências foi definida em um modelo prototípico de base.

Quadro 1 – Síntese dos conteúdos das sequências textuais

SEQUÊNCIAS	REPRESENTAÇÃO DOS EFEITOS DE SENTIDO ESPERADOS	MACROPROPOSIÇÕES
Narrativa	Assegurar a atenção do interlocutor com base em uma sucessão de acontecimentos, onde um fato ocorre, quebrando a ordem estabelecida e desencadeando reações que tendem à resolução e a uma nova situação de equilíbrio.	Sucesso de eventos Unidade Temática Predicados transformados Processo Intriga Moral
Descritiva	Dar conta do que desejamos descrever, seja uma pessoa, conceito, objeto,	Ancoragem Aspectualização

	recorrendo a uma série de processos de seleção. Ao designar, tematizar ou nomear um ser/objeto o produtor já indica uma orientação argumentativa do texto.	Estabelecimento de relação Reformulação
Explicativa	Construir um desenho claro de uma ideia, pois não visa modificar uma crença (visão de mundo), mas transformar uma convicção (estado de conhecimento).	Esquematização inicial Problema Explicação Conclusão-avaliação
Argumentativa	Direcionar a atividade verbal para o convencimento do outro ou, mais especificamente, é a construção por um falante de um discurso que visa modificar a visão do outro sobre determinado objeto, alterando, assim, o seu discurso.	Tese anterior Dados Ancoragem de referências Conclusão Restrição
Dialogal	Manter como característica fundamental o fato de ser formada por mais de um interlocutor e o componente principal da comunicação humana: a conversação e suas variações.	Sequência fática de abertura Sequência transacionais Sequência fática de encerramento

Fonte: adaptado de Adam (2019)

4.1.1 Sequência narrativa

“Como unidade textual, toda narrativa corresponde certamente e de forma ideal à definição mínima que se pode atribuir à textualidade: conjunto de proposições articuladas progredindo em direção a um fim” (ADAM, 2019, p. 113).

O autor estabelece seis constituintes necessários para que se possa falar em narrativa e, conseqüentemente, para identificação da sequência narrativa: a sucessão de eventos/acontecimentos, uma unidade temática com, pelo menos, um ator-sujeito, predicados transformados, unidade de processo, a causalidade de uma colocação em intriga e uma avaliação final – explícita ou implícita.

A **sucessão de eventos/acontecimentos** consiste na delimitação de um evento em uma ordem temporal, ou seja, existe um critério de temporalidade que envolve as narrativas, sendo que esta temporalidade deve ser dominada por uma tensão. “Para que haja narrativa, é necessária uma sucessão mínima de acontecimentos ocorrendo em um tempo t depois $t + n$ ”. (ADAM, 2019, p. 114). Além disso, “é necessário que essa temporalidade de base seja conduzida por uma tensão: a determinação retrógrada que faz com que uma narrativa seja

direcionada ao seu fim ($t + n$), organizada em função dessa situação final” (ADAM, 2019, p. 115).

Sobre a **unidade temática**, a presença do sujeito principal, o qual desencadeará toda a ação narrada, mas o ator por si só não garante a unidade ação, pois é necessária a relação com os outros componentes que caracterizam este sujeito. “A presença de um ator – pelo menos um, individual ou coletivo, sujeito de estado (paciente) e/ou sujeito operador (agente da transformação) parece ser um fato de unidade da ação” (ADAM, 2019, p. 115).

Os **predicados transformados** consistem na transformação das características do personagem principal. A situação inicial em que o sujeito se encontra sofre mudança e se estabelece uma nova situação. “[...] é possível contentar-se simplesmente com a ideia de predicados de estar, de ter ou de fazer, definindo o sujeito de estado S no instante t – início da sequência – depois no instante $t + n$ – fim da sequência” (ADAM, 2019, p. 116).

A **unidade de processo** refere-se à integração dos elementos da narrativa na unidade de uma mesma ação. A narrativa deve apresentar um início, um meio e um fim, pois para que haja narrativa, é preciso que os predicados transformados aconteçam no curso do processo. “A noção de processo permite precisar o componente temporal, abandonando a ideia simples de sucesso temporal dos acontecimentos” (ADAM, 2019, p. 118).

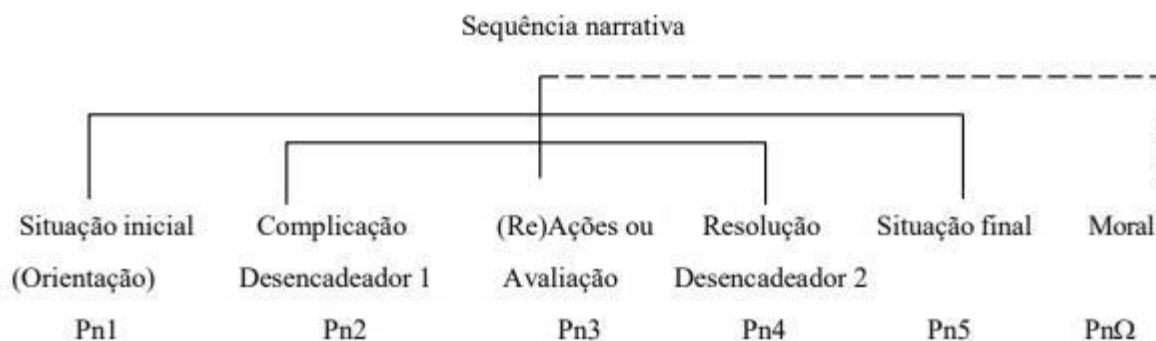
A causalidade narrativa da colocação em **intriga** permite uma sustentação dos fatos e pode fazer com que o narrador mude a ordem do processo, passando de uma simples sequência linear e temporal a uma lógica singular da narrativa.

A operação de estabelecimento da intriga repousa sobre esse dispositivo elementar que desemboca, evidentemente, em possibilidades de combinação de sequências em textos, de acordo com os três modos de base dos quais falávamos na introdução: coordenar linearmente as sequências, encadear-inserir as sequências umas nas outras ou organizá-las em paralelo” (ADAM, 2019, p.124).

E, por último, como sexto componente, apresenta uma **avaliação final/moral** propondo uma reflexão sobre o fato narrado, que pode encerrar a verdadeira razão de se contar aquela história. Não é uma parte essencial à sequência narrativa, de modo que pode vir implícita ou explícita. “A partir dessas observações, torna-se possível contemplar o protótipo da sequência narrativa de base pelo acréscimo dessa macroproposição avaliativa final, que dá o sentido configuracional da sequência” (ADAM, 2019, p. 127).

Vejamos a Figura 11 que constitui o protótipo narrativo de Adam.

Figura 11 – Protótipo da sequência narrativa



Fonte: ADAM, 2019, p. 124.

Dessa forma, vejamos a organização textual narrativa no gênero literário fábula (Figura 12).

Figura 12 – A raposa e as uvas

A raposa e as uvas

Uma raposa solitária, há muito tempo sem comer e magra de fome, depois de muito perambular, chegou a um parreiral. As parreiras estavam cobertas de frutos, com muitos cachos de uvas, cheios e maduros, prontos para comer. Como não havia ninguém à vista, a raposa entrou sorrateiramente no parreiral, mas logo descobriu que as uvas estavam muito altas, pois os galhos das plantas se enroscavam num alto caramanchão, fora do seu alcance. Ela pulou, errou, tornou a pular; mas todos os seus esforços foram inúteis. Cansada, a raposa começou a sentir dores pelo corpo, em resultado dessas repetidas tentativas no sentido de matar a fome. Finalmente, frustrada e zangada, a pobre raposa, depois de um último pulo, exclamou: Ora, eu não quero mesmo essas uvas! Estão verdes, não prestam.

Moral: Quem desdenha quer comprar

Esopo

Fonte: ESOPO. A raposa e as uvas. In: BEZERRA, Telma Régia Soares. **Blog contar e encantar**. Crateús, ago. 2015. Disponível em: <https://eixodoleitorcrateus.blogspot.com/2015/08/a-raposa-e-as-uvas.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Na fábula, o protótipo da sequência narrativa se revelou uma organização bastante representativa de descrição da organização textual. A sucessão de ações surge em ordem cronológica, numa progressão temática que revela um começo, meio e fim da história. O texto

traz, ainda, uma situação inicial que é transformada por meio de ações de um dos personagens após o aparecimento de uma complicação, cuja resolução leva, portanto, a um estado final, que, por sua vez, neste caso, leva ao fracasso de um dos personagens (raposa) após sua desistência.

4.1.2 Sequência descritiva

Conforme Adam (2019, p. 67), a sequência descritiva tem uma caracterização menos rígida entre todas. “Diferentemente dos outros quatro tipos de estruturas sequenciais, a descrição não comporta um reagrupamento pré-formatado de proposições em encadeamentos ordenados de macroproposições”.

Adam (2019, p. 72) afirma que:

O reconhecimento do descritivo se apoia essencialmente na percepção de seu caráter heterogêneo, na sua estranheza com relação ao contexto em que está inserido. Todas essas críticas confirmam o fato de que uma hipótese linguística textual deve levar totalmente em conta a heterogeneidade composicional. O problema da heterogeneidade, ao qual os clássicos são particularmente sensíveis, ultrapassa em muito o caso isolado da sequência descritiva

Adam (2019) elenca as quatro macro-operações descritivas de base, a saber: ancoragem, operações de aspectualização, operações de relação e operações de expansão por subtematização.

Por meio da **ancoragem**, o autor de um texto descritivo coloca como primeiro elemento da ordem prototípica da descrição, o tema-título. “Propus chamar de tema-título esse pivô nominal, nome próprio ou nome comum que serve de base a uma predicação e resume a descrição através de um título” (ADAM, 2019, p. 85). Esse procedimento de ancoragem ocorre por meio de três formas: **ancoragem**, em que o tema-título aparece no início da descrição. “Assinala desde o início quem ou o que vai estar em questão” (ADAM, 2019, p. 85); **afetação** em que o tema-título aparece no final, pois “a ancoragem referencial das proposições descritivas somente intervém no final da sequência” (ADAM, 2019, p. 86) e **reformulação**, cujo tema-título é modificado no final da descrição. “Frequentemente, a reformulação indica que uma sequência descritiva é concluída” (ADAM, 2019, p. 88).

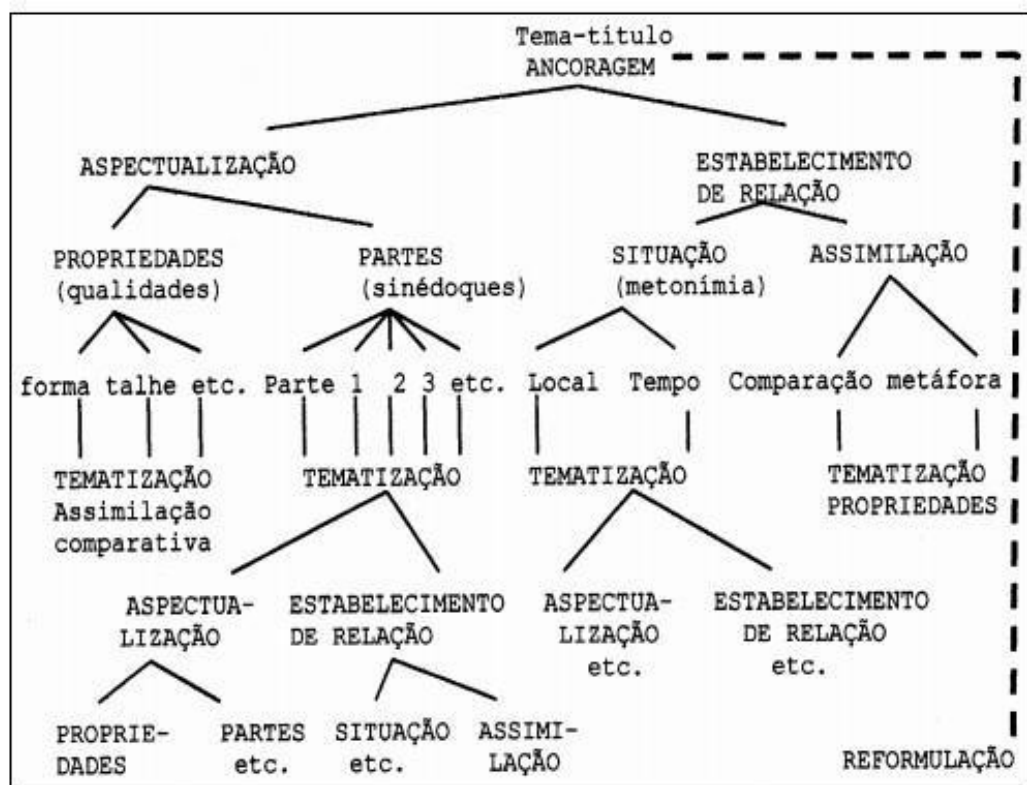
A **operação de aspectualização** é responsável por reagrupar duas operações linguísticas muito frequentemente combinadas: a fragmentação do todo em partes e a qualificação do todo ou das partes. “A operação de **ancoragem** é responsável pela evidenciação de um **todo** e que a operação de **aspectualização** é responsável pela decomposição em **partes**” (ADAM, 2019, p. 90, grifo do autor).

A **operação de relação** corresponde, naturalmente, a uma operação de assimilação, seja de forma comparativa, metafórica ou metonímica. “A relação de analogia é uma forma de assimilação comparativa ou metafórica. Essa operação é importante, pois ela é a única a poder se enxertar em uma propriedade-qualificação”. (ADAM, 2019, p. 93)

A **operação de expansão por subtematização** funciona como um aspecto de tematização que cria um novo tema-título subordinado ao primeiro. Esse processo é teoricamente infinito, uma vez que qualquer aspecto levantado de um todo, este também pode ser subtematizado e reaspectualizado. “Uma parte selecionada pela aspectualização pode ser escolhida como base para uma nova preposição, ou seja, pode ser tomada como um novo tema e, por sua vez, ser considerada sob diversos aspectos: propriedades eventuais e subpartes” (ADAM, 2019, p. 95).

Vejamos a Figura 13 que constitui o protótipo da sequência descritiva.

Figura 13 – Protótipo da sequência descritiva



Fonte: Adam, 2019.

Assim sendo, vejamos a seguir a organização textual descritiva no texto da Figura 14.

Figura 14 – Desaparecida

DESAPARECIDA

Ela é carioca. Tem, aproximadamente, 15 anos. É branca, com três lindas manchas pretas por todo o corpo. Seus olhos são doces, o focinho é negro como uma jabuticaba e possui apenas quatro dentes grandes e amolecidos. É meiga, carinhosa e bastante inteligente. Está desaparecida desde janeiro de 2003, deixando uma criança em desalento. Atende pelo nome de princesa, por ser charmosa e extremamente polida. Na ocasião, usava uma coleira dourada na qual está gravado o seu nome. Em suma, ela é um verdadeiro tesouro. Por isso, quem tiver encontrado essa vira-lata, favor entrar em contato com a família Lima pelo telefone (21) 9999-1212.

Fonte: OLIVEIRA, F. 2012.

Fonte: DESAPARECIDA. Disponível em:
<https://docente.ifrn.edu.br/florenciocaldas/disciplinas/lingua-portuguesa/sequencia-descritiva-teoria>.
 Acesso em 20 janeiro 2021.

Podemos afirmar que o protótipo de uma sequência descritiva, de forma completa ou não, busca relatar as características de um objeto inscrito num dado momento do tempo. Essa sequência pode ser exclusiva ou dominante, uma vez que outras sequências podem estar presentes. Além disso, o locutor, pelos aspectos que seleciona, pela adjetivação e outros recursos linguísticos, pode construir uma imagem boa ou ruim daquilo que descreve. Em suma, a descrição sempre vai relevar uma visão de mundo do locutor.

4.1.3 Sequência argumentativa

Inicialmente, Adam (2019) pondera a necessidade de não se confundir a unidade composicional denominada sequência argumentativa com argumentação em geral. Nota-se, assim, que:

A noção geral de argumentação pode ser abordada quer no nível do discurso e da interação social, quer no nível da organização pragmática da textualidade. Por outro lado, se consideramos a argumentação como forma de composição elementar, situamo-nos, dessa vez, no nível N5 da organização sequencial da textualidade. (ADAM, 2019, p. 145-146)

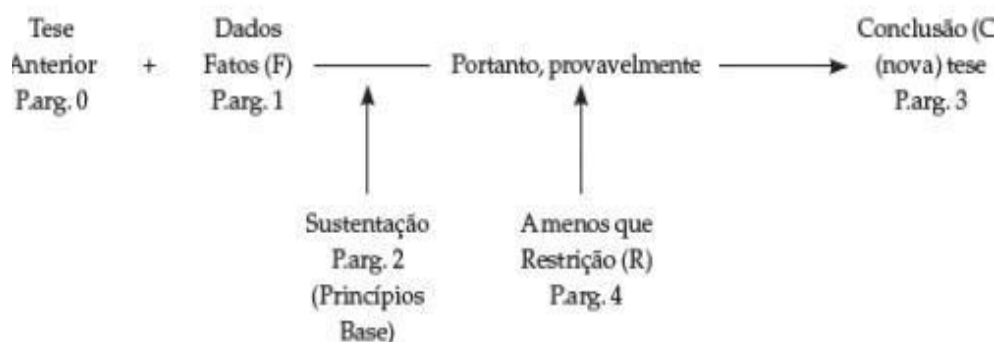
Adam (2019) assevera para a necessidade de se considerar o encadeamento [Dado > Conclusão], posto que o argumento pode corroborar ou refutar uma determinada conclusão. O estudioso francês defende sua concepção sobre sequência argumentativa:

Só há conclusão relativamente a premissas, e reciprocamente. E, de modo diferente das premissas, o que é próprio de uma conclusão é poder servir novamente em ponto posterior do no discurso, a título de premissa, por exemplo. Tem-se assim um tipo de sequência textual que se diferencia de outras sequências, narrativas, por exemplo. (ADAM, 2019, p. 146)

Cabe, portanto, assinalar que o esquema de base da argumentação é uma relação de dados com uma conclusão. Essa relação pode, necessariamente, acontecer de modo explícito ou implícito fundamentada ou contrariada. “Se os dados são o elemento mais frequentemente explícito, o suporte é muitas vezes implícito e os outros componentes estão situados entre esses dois polos de implicação e explicitação” (ADAM, 2019, p. 158).

Vejamos a Figura 15 que constitui o protótipo da sequência argumentativa.

Figura 15 – Protótipo da sequência argumentativa



Fonte: ADAM, 2019, p. 164

Portanto, com base na estrutura prototípica de Adam, cada proposição argumentativa compreenderá a estrutura do texto como um texto:

MP. arg. 0 – a tese anterior a ser refutada ou confirmada;

MP. arg.1 – os dados, os fatos do mundo;

MP. arg. 2 – as justificativas que sustentam um posicionamento;

MP.arg. 3 – a conclusão ou posicionamento assumido pelo produtor do texto;

MP.arg. 4 – contra-argumento a uma possível voz contrária.

Segundo o autor, esse esquema prototípico não obedece a uma ordem linear obrigatória, comportando dois níveis: o nível justificativo (MP. arg.1 + MP. arg.2 + MP. arg.3) e o nível dialógico ou contra-argumentativo (MP.arg.0 e MP.arg.4). No primeiro, o interlocutor é desconsiderado e a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos relatados. No segundo, o interlocutor possui como função ser um contra-argumentador, “a

estratégia argumentativa visa a uma transformação de conhecimentos”. Portanto, o modo de ordenação dos Dados e Conclusões podem aparecer na ordem progressiva: [Dados, [logo] Conclusão] ou na ordem regressiva [Conclusão [porque] Dados].

Vejamos a seguir a organização textual argumentativa no comentário do leitor (Figura 16).

Figura 16 – Impeachment

Impeachment A probabilidade de tirar Bolsonaro do poder é muito pequena. O Congresso tem outros interesses --a pedra já foi cantada pelos prováveis presidentes das duas casas--, e a pandemia não permite uma mobilização popular com visibilidade. Elio Gaspari ("<u>Fora, Bolsonaro, para quê?</u>", 27/1) mostrou que quase nada vai mudar se o vice assumir. Alguma coisa parecida com a campanha Diretas Já vai ter de acontecer se quisermos tirar pelo voto o mal que se instalou no Planalto. Flávio Madureira Padula (São Paulo, SP) Coluna Painel do Leitor, Folha de São Paulo, 2021.
--

Fonte: PADULA, Flávio Madureira. Impeachment. *In*: LEITORES comentam último lugar do Brasil no combate à Covid. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jan. 2021. Painel do Leitor. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2021/01/leitores-comentam-ultimo-lugar-do-brasil-no-combate-a-covid.shtml>. Acesso em 29 janeiro 2021.

A tese anterior não precisa estar de modo explícito no texto, assim como também as inferências, as quais são determinadas pelo sentido do enunciado. Os dados (afirmações MP. arg. 1) levam, por meio de operadores de conclusão ou restrição (MP.arg.4), a uma conclusão (opinião do interlocutor), que pode servir de orientação para uma nova sequência argumentativa.

4.1.4 Sequência explicativa

Adam (2019) busca elucidar a confusão que há entre os termos explicativo, expositivo e informativo. Esclarece que todo texto é, em certo grau, informativo, o que torna o termo relativamente vago. Também não defende a ideia da existência de uma sequência expositiva, pois, “não manter a exposição como um tipo textual ou sequencial e descrever esses

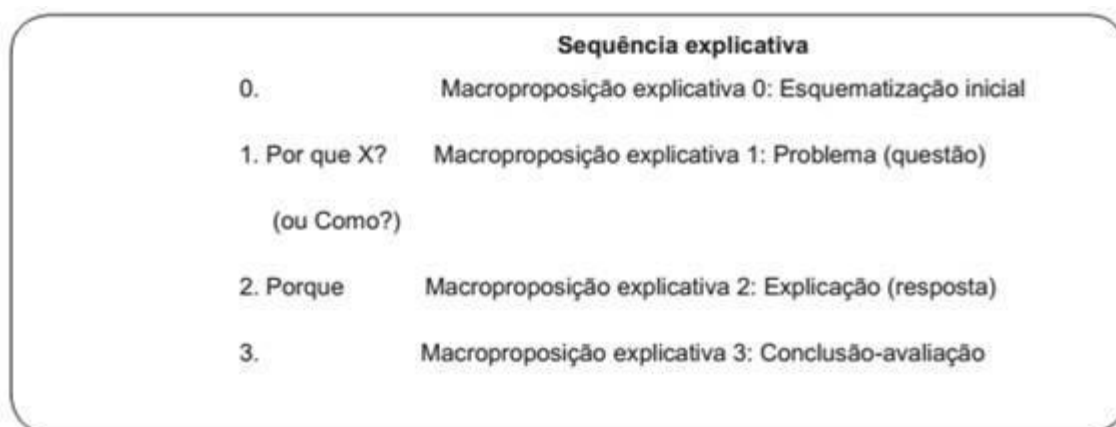
documentos de acordo com suas propriedades de organização estritamente textuais, seja como descrições, seja como explicações” (ADAM, 2019, p. 178).

Assim sendo, a diferença entre exposição e explicação perpassa, consequentemente, entre POR QUÊ? E COMO? A maioria das sequências em COMO não são explicativas. “Diferentemente do que escrevi em outros trabalhos e diferente de Werlich, não me parece mais necessário considerar textos expositivos em COMO como variantes do protótipo explicativo” (ADAM, 2019, p. 180).

A sequência explicativa possui uma forma particular de explicação: a justificação. “A explicação propriamente dita deve ser considerada como uma resposta a ‘por que algo é/se torna assim, ou faz isso’” (ADAM, 2019, p. 180). Em outras palavras, justificamos as falas e explicamos os fatos.

Depois de apresentar o operador POR QUÊ? como critério de explicação e deixar de considerar o operador COMO variante do protótipo explicativo que pode, em alguns casos, o mesmo papel daquele operador, Adam (2019) elabora o esquema da sequência explicativa (Figura 17):

Figura 17 – Protótipo da sequência explicativa



Fonte: ADAM, 2019, p. 193

Sobre o protótipo da sequência explicativa, Adam (2019, p. 193) afirma que:

O primeiro operador [POR QUE] introduz a primeira macroproposição (MP. expl.1), o segundo [PORQUE] traz a segunda macroproposição (MP. expl.2); há, geralmente, uma terceira macroproposição (MP. expl.3), que pode ser apagada (efeito de elipse), e o conjunto é, frequentemente, precedido de uma descrição que corresponde a uma esquematização inicial (MP. expl. 0) destinada a trazer o objeto problemático que tematiza a primeira macroproposição

Vejamos a seguir a organização textual explicativa no texto do Ministério da Saúde (Figura 18).

Figura 18 – O que é COVID-1

O que é COVID-19 Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Ministério da Saúde, Governo Federal, 2020.

Fonte: O QUE é covid-19. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/perguntas-e-respostas/covid-19/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 08 abril 2021.

Por fim, compreendemos que, naturalmente, a sequência explicativa permite ao locutor apresenta-se como uma simples testemunha, ou seja, observador direto dos fatos. “Explicar requer uma tomada de distância do locutor, uma espécie de descentração com relação aos valores, uma recusa de investimentos subjetivos” (ADAM, 2019, p. 195).

4.1. 5 Sequência dialogal

Comparada às demais sequências, a dialogal possui um modo de composição aparentemente menos estruturado que os outros quatro. “A conversa ordinária pode ser, como se diz, ‘formal, bastante ritualizada, porém a maior parte do tempo predomina uma impressão de desordem e de heterogeneidade’” (ADAM, 2019, p. 209).

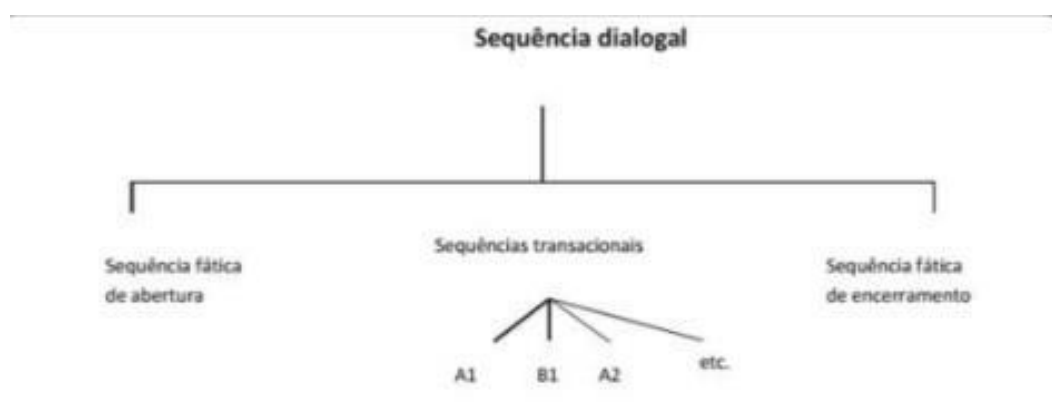
Adam (2019) estabelece a diferença entre diálogo e conversação, pois defende que se veja a conversação, de um ponto de vista psicossociodiscursivo e como um gênero de discurso da mesma forma que o debate, a entrevista, a conversação telefônica, etc. O diálogo, por sua vez, “não é mais que uma unidade de composição textual, uma forma particular de encadeamento poligerida de enunciados na oralidade e uma representação de enunciados na escrita” (ADAM, 2019, p. 212).

Esta sequência realiza-se nos segmentos de discursos interativos dialogados, isto é, formados em turnos de fala. Portanto, segundo Adam (2019, p. 219), “o texto dialogal pode ser definido como uma estrutura hierarquizada de sequências chamadas geralmente de ‘troca’”.

Essas trocas caracterizam dois tipos de sequências: as **fáticas**, que têm a função de abertura e de término de uma interação; e as **transacionais**, são o corpo da interação. “As sequências de abertura e fechamento, bastante ritualizadas, são mais estruturadas do que as sequências transacionais. Prefiro defini-las como sequências fáticas (ADAM, 2019, p. 220).

Vejamos a Figura 15 que constitui o protótipo da sequência dialogal:

Figura 19 – Protótipo da sequência dialogal



Fonte: Adaptado de Adam, 2019.

Para a sequência dialogal, a letra da canção Sinal Fechado de Paulinho da Viola apresenta a organização textual. (Figura 20)

Figura 20 - Canção Sinal Fechado

Sequência fática de abertura:

Olá, como vai?

Eu vou indo e você, tudo bem?

Sequência transacionais:

Tudo bem eu vou indo correndo

Pegar meu lugar no futuro, e você?

Tudo bem, eu vou indo em busca

De um sono tranquilo, quem sabe

Quanto tempo, pois é

Quanto tempo?

Me perdoe a pressa

É a alma dos nossos negócios

Oh! Não tem de quê

Eu também só ando a cem

Quando é que você telefona?

Sequência fática de encerramento:

O sinal

Eu procuro você

Fonte: VIOLA, Paulinho da. Sinal Fechado. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/48064/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

A compreensão do conceito de sequência textual (ADAM, 2019) é de fundamental relevância no estudo dos gêneros do discurso. Enquanto os gêneros são componentes da interação social, a sequência é um plano de organização textual manifesto na composição dos gêneros, constituindo-se de organizações linguísticas formais dentro de um dado gênero.

Entretanto há gêneros que não se organizam nas sequências textuais, pois, segundo Adam (2019) compreende que os textos de incitação à ação, no qual o horóscopo faz parte, não apresentam uma composição prototípica, ou seja, não há macroproposições composicionais que sejam comuns a todos os textos que compõem esses gêneros. A esses textos que Adam (2019, p. 255) considera factuais, em razão de serem textos que visam a uma finalidade prática, isto é, destinados a “facilitar e a guiar a realização de uma tarefa ou

macroação do sujeito que a deseja ou que é responsável por fazê-la”. A esses textos Adam (2019) chamou de discurso de incitação à ação.

4.2 Os textos de incitação à ação

Nos primeiros trabalhos teóricos sobre sequências textuais, Adam (1992) admitia a possibilidade de que a sequência descritiva podia agrupar gêneros como a receita culinária, a instrução de montagem, as ordens, os regulamentos, as regras de jogo, os guias de viagem, o horóscopo, profecia e até o boletim meteorológico.

Com base nos trabalhos de Werlich (1975 apud ADAM, 2019) que diferenciava o arranjo temporal das ações e dos eventos reais ou imaginários próprios da narrativa, da organização das instruções/prescrições, que visam ao comportamento esperado do destinatário, e até mesmo do próprio locutor. “Enquanto a narrativa relata as ações, as instruções-prescrições incitam diretamente à ação” (ADAM, 2019, p. 254).

Outros autores também já indicavam a existência de um discurso procedural, como Greimas (1983 apud ADAM, 2019, p. 254), que compreende, nesse discurso, um sujeito “programador competente” que transfere um conhecimento para um sujeito “realizador” a quem se recomenda seguir as indicações dadas nas fases ou etapas sucessivas de um processo a ser executado.

Mortara-Garavelli (1988 apud ADAM, 2019, p. 254) apresentava a existência de uma categoria de “textos reguladores”, ou seja, que visam regular um comportamento de um destinatário, indivíduo ou grupo, presente ou ausente, determinado ou não. Nessa categoria, a autora coloca instruções de uso, receitas, códigos, leis, decretos, regulamentos, manuais de etiqueta, propaganda política, etc.

E de Hunger (1995 apud ADAM, 2019) classifica as instruções de uso e até conselhos em uma categoria única que invadem cada vez mais a imprensa contemporânea e, especialmente, na internet.

Adam (2019), no seu mais recente trabalho, afirma que os textos de incitação à ação não possuem um mesmo protótipo de sequência textual, pois “as regularidades microlinguísticas são numerosas demais para constituir um tipo de texto, malgrado as diferenças das práticas discursivas em jogo” (ADAM, 2019, p. 254). Além disso, não existe macroproposições composicionais que sejam abrangentes a todos os gêneros de incitação à ação.

Entre o procedural (receitas, manuais e instruções de montagens), o injuntivo (conselhos, regulamentos, regras de jogo, manuais de etiqueta) e todas as

categorias que têm a ver com conselho (do horóscopo aos conselhos de beleza) e de outros temas que se encontram nas revistas tem um ponto em comum: todos visam a uma finalidade prática. (ADAM, 2019, p. 255)

Os textos desses grupos podem se apresentar como mais ou menos injuntivos, procedurais ou de conselhos e podem mesclar entre si. Em função disso, toda essa complexidade dos gêneros, das práticas discursivas e das regularidades microlinguísticas, deve ser observada como um quadro epistemológico mais complexo.

Adam (2019) usa, portanto, a nomenclatura de “discurso de incitação à ação”⁷, ao invés de “discurso procedural”, pois a categoria desses textos factuais que visam a um propósito prático (guiam a realização de uma tarefa) é extensa demais, e o termo procedural não compreenderia todas as possibilidades⁸, já está mais relacionado a injunções, aconselhamentos, para praticar certos procedimentos. Como salienta o autor:

A grande característica desses textos é a presença massiva de predicados de ação: da proibição da ação (proibido fumar) à injunção para agir de maneira procedural (toque a campainha e entre), passando pela representação de ações sucessivas e de protocolos de ação. Essas ações estão no infinitivo, no imperativo, no futuro ou presente. Devido à densidade dos predicados de ação, esses textos incluem muitos organizadores e advérbios temporais (especificando a sucessão e/ou duração das operações ou suboperações) bem como organizadores e advérbios locativos (principalmente os guias de viagem, de passeio, de excursão, mas também manuais para indicar a parte precisa de um objeto sobre o qual uma operação deve ser realizada).

⁷ Embora (ADAM, 2019) empregue o termo “discurso de incitação à ação”, utilizamos, nesta pesquisa, o termo “texto de incitação à ação” como equivalentes. Concebemos texto e discurso como sinônimos.

⁸ Adam (2019, p. 256-257) enumera as seguintes possibilidades:

- Enunciados injuntivos, textos de lei, instruções e regulamentos (laicos e religiosos) [T1 a T4, T8]
- Instruções de montagem
- Regras de jogo
- Título das mídias (revistas, jornais, rádios e televisão) [T9, T11, T12, T14] e obras de ensinamento moral, de educação, de saúde etc. [T10]
- Receitas de cozinha (desde o livro de um grande chef até a simples indicação de embalagem de um produto [T25], passando pelas receitas culinárias das revistas) [T20, T21, T23, T24].
- Guias de itinerários (de trilha, de alpinismo, de visita turística a um lugar cultural ou natural) sob forma de formulário [T22, T26] ou de livro [T27].
- Receitas médicas e farmacêuticas [T18]
- Didascálias teatrais dando instruções de montagem e de encenação de atores
- Manuais ou fichas de bricolagem, jardinagem, adestramento etc [T5, T6, T7, T15].
- Modos de funcionamento e manuais de utilização (instruções explicativas) de produtos, máquinas, aparelhos, softwares etc. [T16, T17].
- Manuais de precaução de uso e manutenção
- Manuais de regra de conduta e de etiqueta
- Manuais de procedimento (farmácia e química)
- Promessas eleitorais (promessas de fazer) e publicitárias [T13]
- Horóscopos [T19]

Encontramos, por outro lado, poucos conectores argumentativos e muito menos ainda concessivos. (ADAM, 2019, p. 255)

O caráter obrigatório e o grau de restrição de atos de discursos imperativos sofrem variação de um gênero para o outro: a liberdade de não seguir a injunção-recomendação é muito baixa para todos os gêneros reguladores/injuntivos (instruções e regulamentos), muito alta para os conselhos e média para os gêneros procedurais (receitas, guias, instruções de montagem).

Dessa forma, Adam (2019, p. 262) defende que se ganha “ao falar mais amplamente de discurso de incitação à ação”. Esse discurso é permeado de atos ilocutórios diretivos e de expressões do campo de conselhos. “Aconselhar é indicar a alguém o que deve ou não fazer, e essa orientação vai sugerir, recomendar e propor até pressionar, incitar, levar, passando por advertir, avisar, guiar, persuadir, convencer, dirigir” (ADAM, 2019, p.262).

Adam (2019) afirma ainda que os textos de natureza mais procedimental, como os manuais de instrução, guia de trilhas, os aconselhamentos ou recomendações, trazem uma abundância de imperativos e são colocados em destaque pela tipografia (negrito, sublinhado, maiúsculas, itálico). Nesse sentido:

Com o propósito de levar o interlocutor a executar passos precisos, os instrucionais e os guias não podem oscilar entre a recomendação e influência coercitiva, por isso, quando esses textos trazem conselhos, eles são mera consequência das “ordens expressas. (CAVALCANTE; BRITO, 2020, p. 128)

Em contrapartida, os textos da categoria de conselhos, como, por exemplo, o horóscopo também traz atos imperativos, porém a força ilocutória desses atos estão mais para a recomendação do que da injunção (ordem de ações). É pela natureza de gêneros como o horóscopo que Adam ressalta: “os textos de incitação à ação oscilam entre um domínio procedural e um domínio de conselho. A mistura dos conselhos-recomendações e das instruções procedurais, no entanto, é a forma mais frequente”. (ADAM, 2019, p. 274-275)

As práticas sociodiscursivas dos textos que incitam à ação embora sejam distintas, apresentam muitas regularidades linguísticas, “por isso brota daí um ar de família” (ADAM, 2019, p. 275). Essas regularidades linguísticas (nosso primeiro critério de análise do *corpus*) são compostas por: características enunciativas (C1); contrato de verdade e premissa de sucesso (C2); léxico especializado (C3); representação de ações e força ilocutória (C4); marcas de conexão (C5) e macrossegmentação tipográfica (C6).

Em relação às características enunciativas (C1) há um paradoxo aparente que regula enunciativamente os textos de incitação à ação. A voz do enunciador é apagada com o propósito de conferir maior credibilidade às informações apresentadas. Por outro lado, o lugar

do sujeito-agente (destinatário) é deixado pronominalmente aberto (você). Ele pode, assim, ser ocupado por cada leitor-usuário.

Sobre o contrato de verdade e promessa de sucesso (C2) existe um acordo relativo às informações fornecidas. Esse acordo implícito permite ao destinatário que, se ele se conforma com todas as recomendações e se respeita os procedimentos indicados, alcançará o objetivo visado. “Sob esse aspecto, o horóscopo não difere das diversas formas de instrução e de outros guias” (ADAM, 2019, p. 276).

Em cada gênero existe um léxico próprio de um domínio especializado (C3). O léxico é imposto pela precisão informacional buscada e pelo fato de o conhecimento do universo de referência (esporte, jardinagem, bricolagem especializada, medicina, cozinha etc.) ser supostamente comum aos coenunciadores.

Outra característica importante dos textos de incitação à ação é a representação de ações e força ilocutória (C4). Aqui há a abundância de predicados representando ações temporais sucessivas e atualizadas verbalmente no infinitivo, no imperativo, no futuro ou no presente. Indicações complementares modalizam certas ações informando muito precisamente sobre o modo de fazer e/ou acrescentando a isso verbos modais do tipo poder e dever. Outra característica é:

A presença de um grande número de proposições de valor ilocutório forte, em particular, de atos diretivos sucessivos muito marcados no imperativo e um pouco menos no infinitivo. Essa forte caracterização ilocutória não se estende, porém, ao conjunto de proposições: ela se localiza na parte instrucional-procedural. As partes descritivas desses textos têm, portanto, um duplo valor inseparavelmente referencial (informativo) e instrucional (ordem). (ADAM, 2019, p. 277)

Há, ainda, as marcas de conexão (C5) que ressalta a importância dos conectores nos textos. Entre essas marcas de conexão impera os indicadores de *para/como + infinitivo* e *se/em caso de + imperativo* ou *infinitivo jussivo*. E “os organizadores temporais permitem precisar a sucessão e/ou a duração das operações e das suboperações” (ADAM, 2019, p. 278). A presença de organizadores locativos caracteriza, principalmente, “os guias de viagem, de caminhada, de excursão, mas também para indicar a parte precisa de um objeto sobre a qual se dá uma operação conforme instrução de uso, manuais, etc. (ADAM, 2019, p. 278).

Por último, consta como propriedade comum uma segmentação e uma ampla exploração de possibilidades de formatação tipográfica (C6). Sobre essa característica:

Uma grande visibilidade resulta das indicações alfanuméricas, das linhas frequentemente sobremarcadas por “chips”, pela presença de componentes icônicos (fotografias, desenhos e/ou infografia sob a forma de mapas, de esquemas) que vão da simples ilustração à informação principal. Cada vez mais, desenhos e esquemas, como o apoio de uma numeração, substituem

parcial ou totalmente a enumeração verbal das ações nas instruções de montagem de um móvel ou de uma maquete e nos guias. Em todos os casos, não se trata simplesmente de dizer, mas de mostrar como fazer. (ADAM, 2019, p. 278)

A seguir, apresentamos um quadro sobre as regularidades linguísticas que compõem os textos de incitação à ação (Quadro 2):

Quadro 2 – Regularidades linguísticas dos textos de incitação à ação

CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS	DESCRIÇÃO
Características enunciativas (C1)	Apagamento do enunciador e solicita o lugar do destinatário (você).
Contrato de verdade (C2)	A existência de contrato de verdade implícito entre o locutor e o interlocutor. Esse contrato implícito permite ao destinatário que se, ele seguir todas os conselhos indicados, alcançará o objetivo visado.
Léxico especializado (C3)	É imposto pela precisão informacional buscada e pelo fato de que o conhecimento desse universo seja supostamente comum aos coenunciadores.
Representação de ações (C4)	É a abundância de predicados representando ações temporais sucessivas e atualizadas verbalmente no infinitivo, no imperativo, no futuro ou no presente.
Marcas de conexão (C5)	Indicadores do escopo de <i>para/como</i> + <i>infinitivo</i> e <i>se/em caso de</i> + <i>imperativo</i> ou <i>infinitivo jussivo</i> . Poucos conectores argumentativos e abundância de organizadores temporais.

Macrossegmentação tipográfica (C6)	Possibilidade de formatação tipográfica. Presença de componentes icônicos (fotografias, desenhos, infografia, mapas) que vão de simples ilustração à informação principal.
---	--

Fonte: Adam (2019)

Nesse sentido, “todos esses gêneros só são aparentados porque eles enumeram sucessão de ações apoiadas sensivelmente nas mesmas configurações de tempos verbais e em procedimentos muito semelhantes de agrupamento e fragmentação de unidades textuais”. (ADAM, 2019, p. 279)

Embora o gênero horóscopo digital possa guardar traços de outras sequências textuais, em especial, as sequências descritiva e explicativa, não é possível abstrair uma sequência prototípica em razão das inúmeras regularidades microlinguísticas dos textos de incitação à ação.

Em síntese, pelos apontamentos aqui discutidos, não é o caso de se criar um protótipo sequencial, mas, sim, uma família de gêneros discursivos fortemente determinados por componentes semântico-pragmáticos comuns: visada ilocutória injuntiva, lugar enunciativo vazio destinado a ser ocupado pelo leitor, mundo representado não funcional.

No próximo capítulo, com base nas regularidades linguísticas comuns (Adam, 2019) nos textos de incitação à ação, em especial, no gênero horóscopo digital, postulamos que é possível reconhecer modos de argumentar nesse gênero com base nos trabalhos de Amossy (2008, 2018).

5 ARGUMENTAÇÃO NO HORÓSCOPO DIGITAL

5.1 Noções de argumentação

Na concepção advinda de Aristóteles, segundo Amossy (2018), a retórica surge como uma palavra destinada a um auditório a ser influenciado, submetendo-lhe posições suscetíveis de lhe parecerem razoáveis. Está presente em todos os domínios humanos em que é preciso adotar uma posição, tomar uma decisão e fundamentando-se no que parece plausível.

Fruto da polis, da cidade livre onde as decisões públicas convocam o debate, permitia o bom andamento da justiça, por manuseio da controvérsia, e o bom funcionamento da democracia, pela prática da palavra pública. É por isso que ela teve como objeto, principalmente, o judiciário e o deliberativo. Ela também abrangeu o epidíctico, ou discurso pronunciado em cerimônias. Com essa tripla dimensão, a retórica foi conceitualizada, formalizada e regulamentada na Retórica de Aristóteles. (AMOSSY, 2018, p. 16)

Pode-se afirmar que, para a retórica clássica, a palavra tem uma força que se exerce nas interações verbais, no decorrer das quais os homens dotados de razão podem, por meio de ações coercitivas, levar os outros a compartilhar de suas perspectivas. “Esse ponto explica a centralidade, na teoria aristotélica, da noção de lugar-comum, ou *topos*, sobre o qual o discurso deve se apoiar e que pode estabelecer um acordo” (AMOSSY, 2018, p. 17).

Na tradição aristotélica, a retórica, conforme Amossy (2018) é dividida em três pilares: *logos*, *ethos* e *pathos*. *Logos* é o argumento da lógica, ou seja, uma atividade verbal que toma como referência a razão e que se dirige a um auditório capaz de raciocinar. *Ethos* consiste na imagem que o orador projeta de si mesmo em seu discurso e que contribui para assegurar credibilidade e autoridade. O *pathos* consiste na emoção que o orador busca suscitar em seu auditório, pois é importante tanto comover quanto convencer, caso se queira adesão e modelar comportamentos.

Contudo, a retórica vai perdendo sua relevância, isto é, a persuasão (argumentação) é deixada de lado, pois assume o papel de como fazer belos discursos, voltando-se, assim, para gênero literário e reduzindo-se à arte do estilo.

A nova retórica preconizada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), na obra *Tratado da Argumentação*, dedica-se aos estudos das técnicas argumentativas. A argumentação estaria relacionada à verossimilhança e à aceitabilidade dos argumentos defendidos. O *Tratado da Argumentação* visa sistematizar regras para obter adesão do auditório.

Quando se trata de argumentar, de influenciar, por meio do discurso, a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito. Pois toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo,

pressupõe a existência de um contato intelectual. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 16)

Desse modo, argumentar não é somente sistematizar uma sequência lógica da qual se possa tirar uma conclusão, não é somente falar à razão. O ato de argumentar, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) está condicionado pela adesão do auditório à sua tese e, para isso, é necessário falar à emoção desse auditório, o que é definido como “contato dos espíritos”. Para isso, deve-se escolher como ponto de início de um raciocínio premissas aceitas pelo auditório.

Nesse sentido, essas teorias possuem como semelhança a existência de locutor, que age sobre o interlocutor por meio de dados, almejando, de alguma maneira, influenciar seu comportamento.

5.2 Argumentação no discurso

A Análise da Argumentação no Discurso (ADD) de Ruty Amossy (2018) é concebida a partir de uma redefinição da retórica como um campo da Análise do Discurso francesa (AD), ou seja, consiste em um resultado da combinação entre a antiga e nova retórica, cujo foco está no âmbito da argumentação e de suas estratégias de persuasão como parte integrante do discurso como dizer socialmente situado e constituído.

A análise argumentativa apresenta-se como um ramo da Análise do Discurso (AD) na medida em que deseja esclarecer os funcionamentos discursivos, explorando uma fala situada e, pelo menos, parcialmente sujeita a coerções (AMOSSY, 2018, p. 11).

Não obstante, faz-se necessário elucidar as diferenças que se estabelecem entre a noção de “sujeito da AD” e “sujeito da retórica”. O primeiro é não é dono da sua vontade ou do seu dizer, pois é coagido por influências ideológicas e discursivas; o segundo aparece como um sujeito soberano, dono do seu discurso, que emprega de forma consciente a língua para influenciar outros sujeitos.

Essa diferença entre os sujeitos não é percebida como uma divergência epistemológica que impeça a união entre a retórica (clássica e nova) e AD, pois Amossy (2005) assevera que a retórica pode ser readequada por uma perspectiva que a contemple como uma área da AD e que, desse modo, o sujeito retórico seja ressignificado. Em outras palavras, na AAD, o sujeito é visto, de acordo com o papel social que exerce, como autor de um plano discursivo imposto por condições de ordem social.

Nessa perspectiva, o discurso e os modos de pensar e de dizer o mundo do enunciador são observados como uma resposta, ainda que subentendida, às palavras alheias ditas

anteriormente. Retoma, assim, a concepção dialógica da linguagem, com base em Bakhtin, na qual “o sujeito aparece, então, como atravessado pelo interdiscurso, investido da palavra do outro e imerso em uma circulação discursiva generalizada que não possui exterioridade absoluta” (AMOSSY, 2005, p. 175).

Dessa forma, o sujeito da AAD é definido pela fala social na qual se encontra, porém também é estrategista. Assim, antes do interlocutor adotar a tese, ele mesmo adota, ainda que de forma inconsciente, a uma *doxa* que está implícita em seu projeto persuasivo e em sua fala, e fora da qual não é possível dizer nem se dizer. Amossy (2005) defende que a incorporação do sujeito nessa fala social e nessa *doxa* é determinante para que se busque conduzir o pensar, o olhar e o sentir do interlocutor com o qual se relaciona e procura, como resultado, agir sobre esse outro na expectativa de, pelo menos, conduzi-lo a uma estipulada ação.

O estatuto do locutor e o quadro institucional no qual ele profere sua fala também têm importância para essa concepção de sujeito ao mesmo tempo livre e coagido, porque seu discurso não somente é uma resposta a um já dito como também reflete uma engrenagem social que o autoriza ou não a proferir um discurso, a depender da posição e do grau de legitimidade de que desfruta esse locutor no contexto em que escolheu intervir. (AMOSSY, 2005, p.175).

Com base também na perspectiva dialógica de linguagem do círculo de Bakhtin, a AAD, do mesmo modo que a Linguística Textual, considera a ideia de responsividade ativa como fundamento teórico que ratifica a noção de que a argumentação é indissociável do funcionamento discursivo, pois enunciar é responder a um já dito, seja com o objetivo de concordar, refutar ou modificar. Isso posto, sinaliza que, para adotar um juízo crítico acerca de determinado tema, para defender um ponto de vista sobre ele, não é fundamental que o já dito com o qual se estabelece diálogo seja evidente nem visivelmente percebido, ao menos não em sua completude.

Nessa perspectiva dialógica, a argumentação está, pois, a priori no discurso, na escala de um continuum que vai do confronto explícito de teses à co-construção de uma resposta a uma dada questão e à expressão espontânea de um ponto de vista pessoal. Por isso, cabe ao analista descrever as modalidades da argumentação verbal da mesma forma que os outros processos linguageiros, e numa estreita relação com eles. (AMOSSY, 2011, p. 131)

Em trabalhos mais recentes, Amossy também defende a ideia da argumentação como resultado do dialogismo imanente ao discurso:

A argumentatividade aparece, então, como uma consequência do dialogismo inerente ao discurso. Isso é um desvio da retórica clássica, que se ligava apenas aos projetos argumentativos confessos: considera-se aqui a argumentação atravessa o conjunto dos discursos. [...] A utilização da linguagem em seu contexto dialógico obrigatório que acarreta

necessariamente uma dimensão argumentativa, mesmo quando não há uma programação declarada nem estratégias imediatamente perceptíveis. (AMOSSY, 2018, p. 43)

Amossy, a partir do fundamento dialógico, reestrutura a concepção de argumentação da nova retórica, compreendida como sendo a tentativa por “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 4), pela concepção de argumentação como sendo “a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário. [...] a tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir” (AMOSSY, 2011, p. 130).

Assim sendo, nem todo discurso almeja levar seu auditório à adesão de uma tese, o que implica numa posição evidente e determinada por parte do enunciador, porém todo discurso busca influenciar os modos de ver, de pensar e de sentir dos interlocutores. Essa asserção, de natureza enunciativa e pragmática, resultou na diferença entre **visada argumentativa** e **dimensão argumentativa**, que constituem as modalidades da argumentatividade no discurso. (AMOSSY, 2018).

Na **visada argumentativa**, há um modo planejado de persuasão, uma vez que o propósito do locutor, ao produzir um texto que permita essa visada, é orientar o interlocutor a concordar com sua opinião ou tese acerca do tema em questão. “Em termos de gêneros, de discursos com visada argumentativa há a pregação da Igreja, o discurso eleitoral, o editorial, a tese.” (AMOSSY, 2018, p. 44).

Por outro lado, a **dimensão argumentativa** é muito mais ampla, pois reside na “tendência de todo discurso orientar os modos de ver do(s) dos parceiros(s)” (AMOSSY, 2011, p. 131). Dessa forma, a dimensão argumentativa necessita somente que um ponto de vista se revele sob a perspectiva de ideias divergentes, que não precisam ser explicitamente elaboradas, posto que toda ato de enunciar presume a um já dito ao qual se responde. Entre os discursos que portam uma dimensão argumentativa (AMOSSY, 2018, p. 44) estão “o artigo científico, a reportagem, as informações televisivas, a narrativa de ficção, a carta” e, incluímos nesta classificação, o horóscopo.

Habitualmente, os discursos compreendidos como visada argumentativa são aqueles ditos como sendo “argumentativos” em contraposição aos “não argumentativos”. Todavia, Amossy (2018) defende que a diferença entre “argumentativo” e “não argumentativo” seja deslocado para a concepção de modalidades argumentativas diversas, pois existe uma orientação argumentativa em todo texto.

A oposição problemática do argumentativo e do não argumentativo é substituída, então, pela concepção de um continuum que apresenta modalidades argumentativas diversas, de tal modo que a argumentação pode revestir-se de aspectos variados. Num dos polos, encontra-se o choque entre teses antagônicas; no polo inverso, os discursos, cujo caráter informativo ou narrativo parece subtrair-lhes toda e qualquer veleidade persuasiva. Entre o confronto extremo que arrisca exceder os limites da troca persuasiva e os textos em que a tentativa de influenciar o outro se oculta ou dilui, situam-se os discursos monogerenciados, que propõem levar o auditório a aderir uma tese, as interações face a face em que os parceiros negociam um acordo, as situações de diálogo em que os participantes se esforçam para construir uma resposta para uma questão dada (AMOSSY, 2018, p. 43).

Essa diferença entre visada argumentativa e dimensão argumentativa permite uma análise argumentativa “que se liga a um vasto *corpus* que vai da conversação cotidiana ao texto literário, passando pelo discurso político, pelas mídias e pela internet” (AMOSSY, 2018, p. 41).

Desse modo, investigar a argumentação no discurso é explorar a maneira pela qual a palavra oral ou escrita age sobre o outro, ora levando-o a tomar uma posição, ora orientando sua visão do real; é formular a hipótese de que toda fala busca, deliberadamente ou não, ter peso e influência sobre o interlocutor. “A argumentação não é um tipo de discurso entre outros: ela faz parte integrante do discurso e sustém tanto as informações televisas [...] quanto uma conversação familiar” (AMOSSY, 2018, p. 273).

Trata-se, portanto, de uma visão ampliada da argumentação que tenta apreendê-la por meio dos funcionamentos discursivos que a constroem. É nessa perspectiva que a argumentação no discurso pode constituir um ramo da AD.

As estratégias retóricas só podem ser entendidas na materialidade linguageira; elas surgem na gestão do dispositivo enunciativo e na relação com o alocutário, no manejo do saber do senso comum, no bom uso dos conectores, na manipulação das faces. Além do mais, a capacidade de levar à adesão implica que a organização textual e as estratégias verbais estejam de acordo com uma situação de discurso: importa saber quem fala a quem, de que lugar e em quais relações de poder, em qual quadro institucional e em qual espaço dóxico. (AMOSSY, 2018, p. 274)

Por fim, a argumentação não se encontra somente em textos que almejam fazer aceitar uma tese bem definida, mas também daqueles que permitem compartilhar um ponto de vista sobre o real, reforçando valores, orientando a reflexão por meio de conselhos e/ou apelos ao interlocutor para agir. Nesse sentido, podemos afirmar que o gênero horóscopo digital também possui uma orientação argumentativa.

5.3 Modalidades argumentativas

Afirmarmos que Amossy (2018) compreende a argumentação, no interior da AAD, como uma busca de levar o interlocutor não somente à adesão de uma tese, mas também orientar os modos de ver, pensar e sentir.

Tal compreensão supera a dicotomia de discursos concebidos “argumentativos” em oposição a “não argumentativos” pela noção de modalidades argumentativas, uma vez que existe uma orientação argumentativa em todo texto. Modalidades argumentativas são ordenações globais de troca/interação argumentativa, ou seja, são “tipos de troca argumentativa que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialogal quanto dialógico” (AMOSSY, 2008, p. 232).

Os diferentes modos de argumentar são definidos por três fatores: a) os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores no dispositivo enunciativo (parceiros, adversários); b) o modo como ocorre a tentativa de persuasão (racional, apaixonado, instrutivo); c) a forma como o interlocutor é apresentado (razão/emoção, parceiro/rival, aluno ou mestre etc.)

E segundo esses critérios, Amossy (2008, p. 233-237) classifica seis diferentes modos de argumentar:

- a) **Modalidade demonstrativa:** o locutor busca adesão do interlocutor por meio de uma tese/opinião, seja num discurso monogerido ou dialogal, com base em raciocínio apoiado em provas. Exemplos de gêneros: artigo de opinião, debate eleitoral, redação de vestibular, etc.
- b) **Modalidade patêmica:** consiste no apelo aos sentimentos do auditório para alcançar sua adesão à tese ou ponto de vista defendido. Exemplos de gêneros: poema lírico, declaração de amor, apelo à ajuda humanitária, etc.
- c) **Modalidade pedagógica:** consiste na transferência de um saber por um locutor autorizado a fazê-lo a um auditório que se encontra na condição de aprendiz. A forma de manifestação dessa troca pode ser, como nas modalidades anteriores, monogerido ou poligerido. Exemplos de gênero: manuais, aula, palestra, etc.
- d) **Modalidade de co-construção:** é aquela que os participantes debatem uma questão conjuntamente e buscam resolvê-la por meio do consenso, o que ocorrem em reunião de trabalho, diálogos familiares, reunião de colegiado.
- e) **Modalidade negociada:** é aquela em que os participantes debatem sobre um problema que os dividem, mas que buscam um acordo por meio de negociações.

Como por exemplo, audiências de conciliação, sessão legislativa, transações comerciais, etc.

- f) **Modalidade polêmica:** é caracterizada pelo confronto de teses antagônicas no espaço público em que se tenta deslegitimar o opositor, diferentemente das outras modalidades, esta é a modalidade do dissenso.

Embora as modalidades argumentativas sejam mais recorrentes em determinados gêneros do discurso do que em outros, há nelas uma grande maleabilidade para permearem qualquer discurso a depender da cena enunciativa. Nesse sentido, defendemos as presenças das modalidades argumentativas patêmica e pedagógica no gênero horóscopo digital, como estratégia de orientação dos modos de ver, pensar e sentir por meio de apelo às emoções e de um discurso legitimado, autorizado (nosso segundo critério de análise do *corpus*).

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa parte da concepção interacional da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores sociais, o texto passa a ser visto como o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos.

Em nosso trabalho, adotamos o método indutivo. Nessa perspectiva, partimos do particular para o geral, pois investigamos as manifestações particulares de ocorrências do texto de incitação à ação, assim como das modalidades argumentativas patêmica e pedagógicas presentes no gênero horóscopo digital até alcançarmos às relações gerais que essas ocorrências possuem entre si.

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 86).

Nossos dados, por sua vez, são de cunho qualitativo. Escolhemos essa investigação por considerá-la a mais apropriada para explicação e discussão de concepções anteriormente definidas. Segundo Silva e Menezes (2005), a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA; MENEZES, 2005, p. 21)

Nossa pesquisa, com base nos objetivos determinados, pode ser sistematizada de duas formas: descritiva e explicativa. Essa delimitação ocorre em razão de não somente descrevermos as características relativas ao objeto, ou seja, assimilando como o fenômeno se realiza, mas também explanando as condições envolvidas em sua realização. “Identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos [...] explica o porquê das coisas” (GIL, 2008, p. 28).

6.2 Delimitação do universo e procedimentos de análise

O *corpus* desta pesquisa é constituído de 20 textos do horóscopo digital selecionados aleatoriamente, por entendermos que assim seriam contempladas a importância e a fidedignidade da análise sem intervenção da escolha por parte do pesquisador. Esses textos foram coletados entre os anos de 2020 e 2021, retirados do perfil *astroloucamente* da rede social *Instagram*.

Dos 20 textos, utilizamos 05 exemplos (Figuras 6, 7, 8, 9 e 10), no item 3.2, para ilustrar a transmutação do gênero horóscopo digital em sua forma composicional, no conteúdo temático e no estilo. Para análise do *corpus*, selecionamos mais 04 exemplos (Figuras 21, 22, 23 e 24), a fim de caracterizar e descrever o gênero horóscopo digital, com base nos critérios estabelecidos para a análise.

O primeiro critério, a partir da teoria dos textos de incitação à ação de Adam (2019), descreve e explica as características languageiras mais regulares no gênero horóscopo digital. Essas características languageiras são: características enunciativas (C1); contrato de verdade e premissa de sucesso (C2); léxico especializado (C3); representação de ações e força ilocutória (C4); marcas de conexão (C5) e macrossegmentação tipográfica (C6).

O segundo critério fundamenta-se nas modalidades argumentativas de Amossy (2008), pois consideramos que o gênero horóscopo digital tem traços da modalidade patêmica, pois há uma modalização da língua, uso de adjetivos e gírias de modo a sensibilizar o auditório para obter sua adesão; e também da modalidade pedagógica, visto que ocorre a transferência de um saber por um locutor autorizado (astróloga) para um auditório que se encontra na condição de aprendiz.

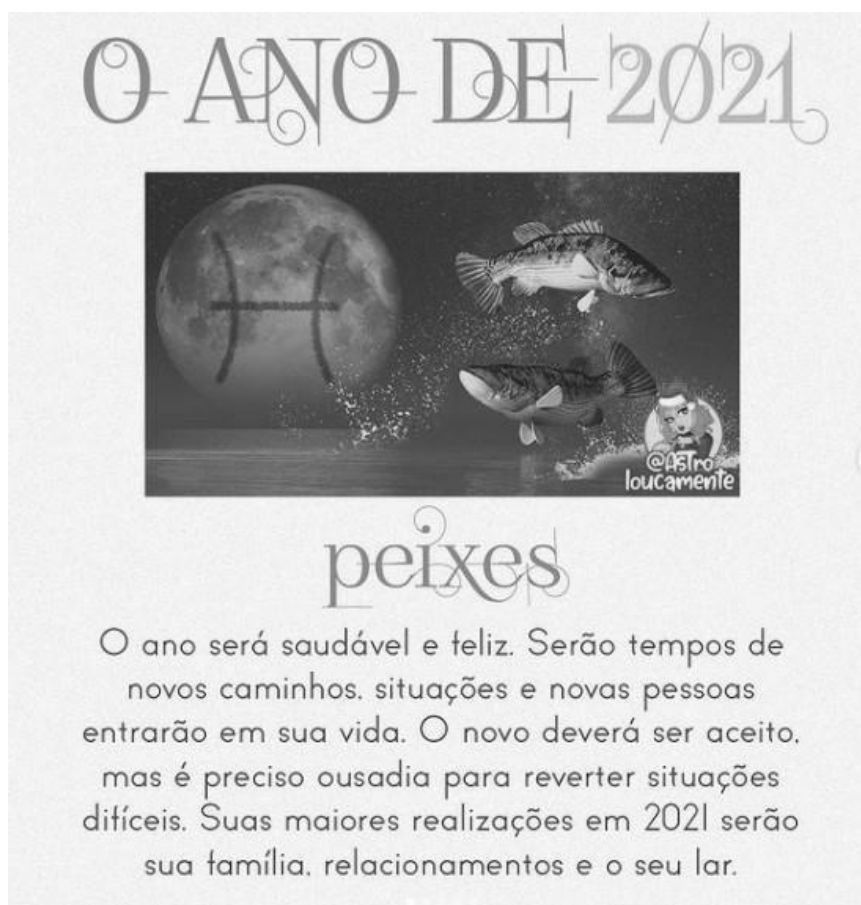
Os dois critérios de análise auxiliam na defesa da transmutação do gênero horóscopo produzido no ambiente digital no que se refere à forma composicional, conteúdo temático e estilo.

6.3 Análise dos dados

Nesta seção, analisamos os exemplos do gênero horóscopo digital retirados do perfil *astroloucamente* com base nos critérios definidos no item 6.2.

Na Figura 21, o horóscopo digital traz as perspectivas de um ano novo promissor para as pessoas do signo de peixes. Observamos as regularidades languageiras que neste gênero é comum: o apagamento do sujeito enunciador (C1), ainda que presumidamente haja a assinatura e foto da astróloga. Esse apagamento garante a credibilidade em relação aos conselhos que o pisciano deve adotar para conseguir um ano novo de realizações.

Figura 21 – O ano novo de 2021.



Fonte: TALISMÃ, Maria. **O ano novo de 2021**. [S.l.], 2 mar. 2017. Instagram: @astroloucamente. Disponível em: <https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br> Acesso em: 19 maio 2021.

Em contrapartida, o lugar do destinatário aparece sob a forma da terceira pessoa do singular/plural (**suas** realizações, **sua** família, **seu** lar) sendo, portanto, o interlocutor

convocado para saber o que esperar do ano novo, de acordo com os astros. Esse recurso dá também lugar para qualquer pisciano se identificar com as mesmas previsões.

Outra regularidade encontrada no gênero horóscopo digital é o contrato de verdade e premissa de sucesso (C2) que estabelece um “acordo” entre a astróloga e os piscianos, na medida em que as boas perspectivas para o futuro também dependem das ações do pisciano, e não somente dos astros.

A regularidade também ocorre com o léxico especializado (C3) que condiz com o uso de muitos adjetivos, como, por exemplo, “saudável”, “feliz”, “novos”, “novas” e “difíceis” que qualificam as previsões e as ações que devem ser realizadas.

Observa-se, ainda, a abundância de predicados de ações temporais e sucessivas atualizadas verbalmente no presente, no infinitivo, no imperativo e no futuro (C4) que modalizam certas ações. Neste caso, encontramos os verbos no futuro: *será*, *serão*, *entrarão*, *deverá ser*.

Há também marca de conexão (C5) do escopo para/como + infinitivo no trecho “para reverter situações difíceis” destacando o perfil do pisciano como uma pessoa que luta para superar momentos desfavoráveis. Além disso, há presença do conector argumentativo “mas” presente em: “o ano novo deverá ser aceito, mas é preciso ousadia ...”. O locutor traz o argumento de que o ano novo pode ter acontecimentos bons e ruins e ao dizer “mas é preciso ousadia” conduz a ideia de que o pisciano saberá lidar com as dificuldades que possam surgir.

Outra regularidade linguística do gênero horóscopo digital é a macrossegmentação tipográfica (C6) que ilustra o signo do zodíaco pela presença de componentes icônicos, na Figura 21, o colorido do texto, a imagem dos peixes acima do texto escrito e o ícone do perfil *astroloucamente* destacando sua autoria. O uso de fontes e cores diferentes na formatação do horóscopo é um mecanismo frequente de representação das informações textuais.

No que se refere às modalidades argumentativas presentes na Figura 21, percebemos que é comum a modalização da linguagem para se dirigir ao interlocutor, isto é, não ocorre de forma direta, mas seguindo as nuances de aconselhamento que predomina no gênero horóscopo. Utiliza-se do apelo às emoções como estratégia para orientar o modo de ver e pensar do interlocutor do signo de peixes. E é este modo de estabelecer a argumentação que corresponde à modalidade patêmica.

Observamos, ainda, os papéis sociais desempenhados no dispositivo enunciativo da Figura 21. A astróloga, numa posição de autoridade, guia os piscianos que precisam de aprendizado e conselhos para dirigir as suas próprias vidas. A astróloga se encontra num nível superior de uma hierarquia e está legitimada para tal tarefa, pois, caso contrário, não teria

credibilidade por parte dos leitores. Essa característica nos permite inferir que o horóscopo também possui traços da modalidade pedagógica, ou seja, de indivíduos que se encontram na posição de conselheiro e aconselhado.

Embora a Figura 21 aproxime-se bastante do gênero horóscopo tradicional, não podemos deixar de destacar as possibilidades das ferramentas que o seguidor do perfil pode utilizar como fazer comentários, compartilhar e, principalmente, a interação direta entre consultor e consulente.

Ainda que o perfil *astroloucamente* aproxime-se do horóscopo tradicional nas postagens que traz previsões mensais e anuais, o gênero horóscopo digital se distancia do tradicional em relação às postagens diárias, tendo em vista o conteúdo temático, que traça um perfil dos signos por meio de uma linguagem coloquial e lúdica, como podemos constatar na Figura 22.

Figura 22 – Touro, câncer e escorpião



Fonte: TALISMÃ, Maria. **Touro/câncer/escorpião**. [S.l.], 2 mar. 2017. Instagram: @astroloucamente. Disponível em: <https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2021.

No que diz respeito às características languageiras, o sujeito enunciador (C1) permanece apagado ao descrever como os indivíduos dos signos de touro, câncer e escorpião são rancorosos. Por outro lado, o lugar do destinatário é deixado pronominalmente aberto

(você). Essa característica permite que cada indivíduo do signo de touro, câncer e escorpião se identifique com esse traço de personalidade.

Outra característica encontrada no horóscopo digital é o contrato de verdade e premissa de sucesso (C2) que estabelece um “acordo” entre a astróloga e os taurinos, os cancerianos e os escorpianos, na medida em que esses signos reconheçam ser possuidores desse sentimento de rancor em situações que lhe desagradam ou sintam-se ofendidos.

A regularidade linguística também aparece no léxico especializado (C3), que condiz com uma situação de briga entre os interlocutores, como, por exemplo, “rancor”, “briga” e “amigas”.

Outra regularidade linguística, com ênfase no horóscopo digital, é a macrossegmentação tipográfica (C6) que integra os signos do zodíaco pela existência de componentes icônicos, na Figura 22, o colorido da postagem, o estilo das letras, o ícone do perfil destacando sua autoria, e o mais relevante, o uso da foto com as amigas de cabeças cortadas que evidencia a contradição com o texto verbal em: “claro que não amiga”.

No que corresponde à modalidade argumentativa presente na Figura 22, observamos que o horóscopo digital utiliza o humor, numa linguagem bastante coloquial, que com o propósito de provocar o riso, destaca o perfil rancoroso dos signos de touro, câncer e escorpião.

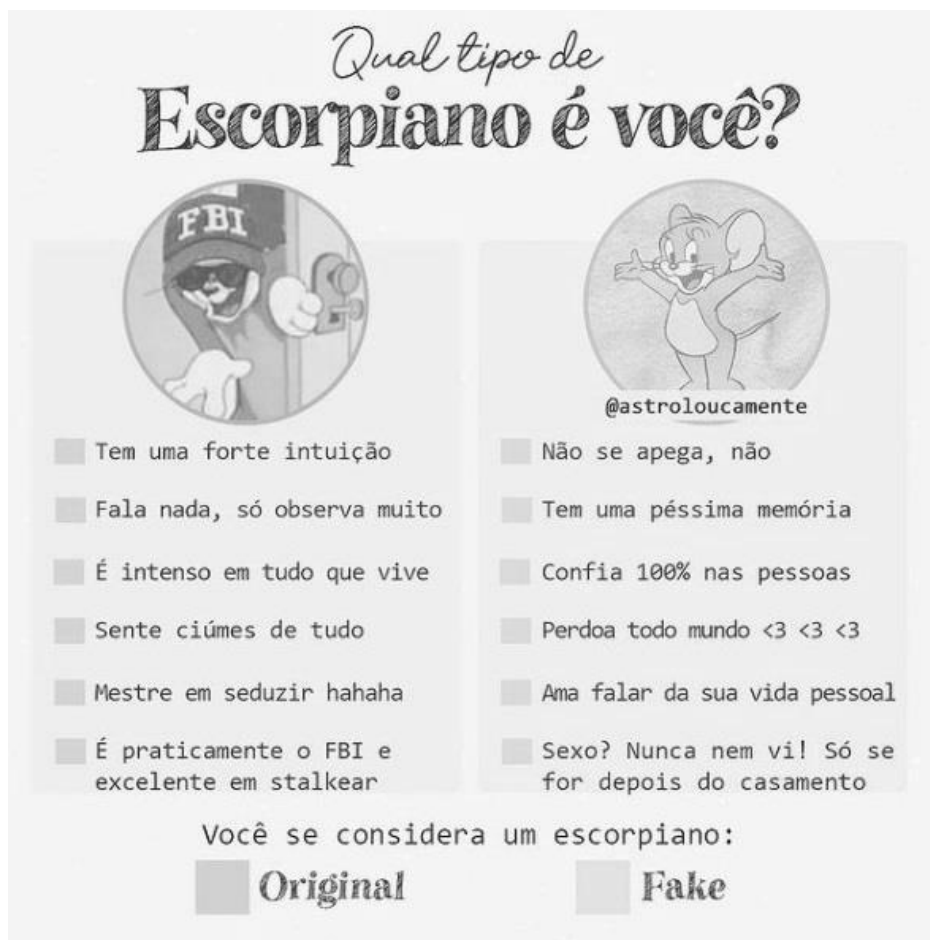
A estratégia de humor está na contradição que se faz entre o diálogo e a foto utilizada. O interlocutor responde que não guarda mágoas da briga “claro que não amiga” numa tentativa de omitir ou disfarçar o que sente, porém, a foto, com as cabeças cortadas das amigas, indica que o rancor prevaleceu. Assim, o modo como acontece esta argumentação representa a modalidade patêmica que, desta vez, influencia o auditório por meio do riso.

A modalidade pedagógica manifesta-se pela posição de autoridade da astróloga que conhece os sentimentos e comportamentos dos signos de touro, câncer e escorpião. Deve-se destacar, entretanto, o modo e a forma com que a astróloga se dirige aos seus interlocutores, utilizando uma linguagem com marcas de oralidade (né?) revelando uma aproximação entre o locutor e o interlocutor, o que é reforçado pela saudação de despedida da astróloga a cada postagem diária por meio da frase: “Beijos da Maria Talismã”, que vem acompanhada sempre de *emojis*, beijos e três estrelas.

Há também o uso de *hashtags*, como, por exemplo, “#signos”, “#astroloucamente”, “#mariatalismã” com o objetivo de facilitar a localização das postagens do horóscopo digital e direcionar os internautas para o perfil *astroloucamente*.

Vejamos a seguir a Figura 23:

Figura 23 – Qual tipo de escorpiano é você?



Fonte: TALISMÃ, Maria. **Qual tipo de escorpiano é você?** [S.l.], 2 mar. 2017. Instagram: @astroloucamente. Disponível em: <https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2021.

Na Figura 23, o horóscopo digital adapta-se às questões discutidas sobre o que é fato ou *fake* nas redes sociais. Para isso, realiza uma separação dos escorpianos em dois grupos: escorpianos originais e escorpianos *fakes*, utilizando o vocábulo *fake* que é proveniente do ambiente digital.

No que diz respeito às características languageiras, observamos, na Figura 23, o apagamento do sujeito enunciador (C1) que é um aspecto recorrente para, desta forma, convocar o destinatário pronominalmente, permitindo que o indivíduo do signo de escorpião ocupe seu lugar.

Outra característica languageira recorrente no gênero horóscopo digital é o contrato de verdade e premissa de sucesso (C2) que estabelece um “acordo” entre a astróloga e os escorpianos na liberdade de escolher em qual grupo está inserido.

A regularidade também ocorre no léxico especializado (C3) com uso de palavras que descrevem a personalidade verdadeira e falsa, como, por exemplo, “forte intuição x não se apega” e “sente ciúmes de tudo” x “perdoa todo mundo”.

Observamos, também, a presença de predicados de ações temporais e sucessivas atualizadas verbalmente no presente e no infinitivo (C4) que traçam ações do escorpiano. Neste caso, encontramos os verbos no presente (fala, observa, vive) e no infinitivo (seduzir, falar).

Outra característica linguageira que se destaca no horóscopo digital é a macrossegmentação tipográfica (C6) que engloba diferentes componentes icônicos, com o uso de cores diferentes para identificar o escorpiano original do escorpiano fake. Há também um destaque no título com letras em negrito na pergunta (qual tipo de escorpiano é você?), que se destaca em relação ao restante do texto, chamando atenção do leitor. A Figura 23 usa os personagens Tom e Jerry para ilustrar a divisão dos escorpianos de acordo com suas personalidades que vivem quase sempre brigando e poucas vezes unidos.

No que diz respeito às modalidades argumentativas, na Figura 23, observamos também nuances de humor como estratégia para caracterizar a personalidade do escorpiano. Essa forma de argumentar corresponde à modalidade patêmica, haja vista que a estratégia de humor se configura como excelente recurso persuasivo, ao apresentar um ponto de vista de forma jocosa e lúdica.

Constatamos também que, ao categorizar o escorpiano em original e *fake*, a astróloga ensina o interlocutor a observar suas diferentes características, na forma de um roteiro que direciona o modo de pensar e ver do escorpiano. Esta argumentação corresponde à modalidade pedagógica.

Observamos, portanto, que o modo de argumentar, no gênero horóscopo digital, ocorre pela proximidade que se estabelece entre os interlocutores, ou seja, revelando uma descontração e informalidade entre dos papéis sociais desempenhados pela astróloga e pelos os internautas, com uso de linguagem mais jovial, coloquial, gírias e neologismos.

Vale também destacar que os recursos tecnológicos, de que o gênero horóscopo digital dispõe, permitem uma significativa mudança na interação quase imediata que se estabelece entre a astróloga e os internautas. (Figura 24)

Figura 24 – Comentários do que tipo de escorpiano é você?



Fonte: COMENTÁRIOS. In: TALISMÃ, Maria. **Qual tipo de escorpiano é você?** [S.l.], 2 mar. 2017. Disponível em: <https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br>. Acesso em: 17 maio 2021.

Os internautas (Figura 24) podem questionar a astróloga sobre as características dos seus signos e obter uma resposta quase imediata, como, por exemplo, “dependendo do mapa astral pode apostar que sim”. Isso permite que o internauta, tendo curiosidade, pode fazer uma amostra grátis ou pagar pelo mapa astral.

Destacamos ainda que a tentativa de persuasão não acontece de modo direto e explícito, mas utiliza de estratégias de modalização da língua para aconselhar, além da forma como a astróloga se aproxima do público por meio de uma linguagem informal, lúdica, ao traçar com muito humor o perfil dos signos do zodíaco.

Essa linguagem coloquial é marca não só da astróloga, como também dos internautas, como, por exemplo, “bordoadas” “kkkk” (risadas), *emojis* significando gargalhadas. Essa linguagem descontraída também revela o público jovem engajado no perfil *astroloucamente*.

Vale destacar que os dois critérios utilizados nas análises do *corpus* confirmam duas grandes características presentes no gênero horóscopo digital: a primeira característica refere-se às regularidades linguísticas, em especial, a abundância de predicados representando ações sucessivas atualizadas no infinitivo, no futuro, no presente; a macrosegmentação tipográfica

com o uso de diferentes cores, imagens, tipografia oportunizadas pelas ferramentas tecnológicas; o apagamento do sujeito enunciador, porém sempre solicitando o lugar do destinatário; o contrato de verdade e premissa de sucesso que orienta o internauta sobre os conselhos/recomendações a serem seguidas.

A segunda característica refere-se à dimensão argumentativa do gênero horóscopo digital em que destacam duas modalidades argumentativas: a patêmica que busca “tocar” o auditório por meio de emoções, e a modalidade pedagógica, em razão da astróloga encontrar-se numa posição de autoridade que conhece o comportamento e sentimentos dos signos do zodíaco.

Além dessas questões languageiras e, conseqüentemente argumentativas há que se destacar que o gênero horóscopo digital mobiliza recursos tecnológicos, permitindo mudanças nesse ambiente on-line.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa reforça a existência de uma relação produtiva entre os gêneros do discurso, textos de incitação à ação e modalidades argumentativas, posto que tratam de práticas discursivas desenvolvidas de acordo com o contexto sociocultural dos interlocutores em uma dada situação comunicativa.

Partimos da concepção de enunciado e gênero de Bakhtin (2011) para confirmar que o gênero horóscopo é um tipo de enunciado relativamente estável, que tem como propósito comunicativo fazer prognósticos acerca da vida dos nascidos sob determinado signo.

Com o advento da internet, entretanto, o gênero horóscopo se adaptou e se modificou no ambiente digital em virtude das ferramentas tecnológicas que o meio dispõe. Constatamos, assim, que o gênero horóscopo digital traz inovações na forma composicional, no conteúdo temático e no estilo, ainda que não se distancie do seu propósito comunicativo de traçar um perfil do signo do zodíaco, de aconselhar e fazer previsões.

As discussões e as análises desta pesquisa demonstram que na forma composicional, o gênero horóscopo digital recorre a inúmeras semioses (áudio, vídeo, *emojis*, *gifs*) e outros recursos tecnológicos que o ciberespaço proporciona. No que se refere ao conteúdo temático, ocorre uma expansão das questões temáticas que não se limita apenas ao eixo de amor, dinheiro e saúde, mas que busca alcançar um público maior com a descrição de diferentes perfis que contemplam profissões, relações familiares, rituais fúnebres e até participantes de *reality show*. Quanto ao estilo, constatamos uma significativa mudança na linguagem com característica informal, marcas de oralidade, uso de gírias, neologismos e postagens lúdicas que revelam um propósito de atingir um público predominantemente jovem.

Desse modo, podemos concluir que, embora o horóscopo não seja um texto nativo digital, as significativas mudanças ocorridas nesse ambiente permitem uma abordagem que integra características languageiras e tecnológicas.

Com base nas análises do *corpus* chegamos aos seguintes resultados: no aspecto languageiro, o gênero horóscopo digital confirma a existência das regularidades linguísticas comuns aos textos de incitação à ação, como o apagamento do sujeito enunciador e convocação do destinatário; contrato de verdade e premissa de sucesso que garante um “acordo” entre os interlocutores acerca dos conselhos e características do perfil dos signos do zodíaco; léxico especializado com a abundância de adjetivos que qualificam o perfil de signo e o uso de gírias e neologismos; representação de ações e força ilocutória com a presença de verbos no infinitivo, no presente, no futuro e no imperativo que caracteriza a modalização da

língua para, desta forma, aconselhar o internauta em um domínio de possibilidades e não de obrigatoriedade.

Além disso, um dos aspectos linguageiros mais explorados no horóscopo digital é a macrossegmentação tipográfica com o uso de diferentes componentes icônicos como várias cores, fontes em destaque, símbolos do perfil, estilo das letras.

Esta pesquisa confirma a concepção de Amossy (2008, 2018) que considera a argumentação num *continuum* em que se situam as modalidades argumentativas, visto que nenhum texto é neutro do ponto de vista discursivo e argumentativo, já que é dialogicamente direcionado e, portanto, visa agir sobre crenças e valores dos interlocutores como é o caso do gênero horóscopo digital.

No aspecto argumentativo, constatamos a ocorrência da modalidade patêmica, uma vez que o horóscopo digital utiliza de diferentes estratégias para apelar às emoções, especialmente por meio da modalização da língua, uso de gírias, humor e do lúdico para orientar o modo de ver e pensar dos interlocutores.

A modalidade pedagógica, por sua vez, caracteriza-se na medida em que a astróloga, numa posição de autoridade, aconselha e traça o perfil dos signos do zodíaco numa relação entre consultor e consulente. Entretanto, essa interação é realizada pela astróloga de forma bastante próxima dos internautas, ou seja, por meio de uma linguagem informal, coloquial e uma interação quase imediata por meio dos comentários dos internautas proporcionadas pelas ferramentas tecnológicas.

Essa linguagem informal, coloquial, com humor e interação quase que imediata nas postagens diárias e sempre temáticas produzidas pelo perfil *astroloucamente* distancia este horóscopo digital daquele horóscopo tradicional publicado em jornais e revistas.

Por fim, vale sugerir que outras pesquisas aprofundem a noção dos textos de incitação à ação, assim como os modos de argumentar e as interações produzidas no ambiente digital que se ampliam em função de seus recursos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **Les Textes: types et prototypes**. Paris: Naham, 1992.
- ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. Tradução Mônica Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. “As modalidades argumentativas do discurso”. In: LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander. (org.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 233-237
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Tradução Eduardo Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução Eduardo Lopes Piris, Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, jun./nov. 2011.
- AMOSSY, R. Rhétorique et analyse du discours. Pour une approche socio-discursive des textes. In: ADAM, J.M.; HEIDMANN, U. (éd.). **Sciences du texte et analyse de discours**. Etudes de Lettres, 2005, p. 163-179.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M (org.). **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTA ROTH, Désirée. (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 208-236.
- BONINI, Adair. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. O Ensino em Textos de Incitação à Ação: um Olhar Argumentativo. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 121–136, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/2942>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- CORDEIRO, Danúbia Barros. **Traços de permanência e vestígios de mudança no gênero horóscopo**: uma análise imagético-discursiva. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **Revista Veredas**, Juiz de Fora (MG), v.7, n.1 e n.2, p. 95-111, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25268>. Acesso em: 25 maio 2021.

FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEIBRUDER, A. P. O discurso de divulgação científica. *In*: BRANDÃO, H. N. (org.). **Gêneros do discurso na escola**: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORIN, Edgar. **Filhos do céu**: entre vazio, luz e matéria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOURÃO, Selma Regina de Freitas. **O gênero horóscopo**: uma análise dos lugares retóricos e da argumentação. 2005. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ORTIZ, Ana Cristina Vidal de Castro. **Narrativas do céu**: a presença da astrologia nos meios de comunicação. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/mestrado/dissertacoes/narrativas-ceu-presenca-da-astrologia-nos-meios-de-comunicacao/>. Acesso em: 5 maio 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise de Discurso Digital**. Tradução de Isabel Muniz-Lima; Antônio Lailton Moraes Duarte. Cruz Alta: Editora Ilustração, 2017. Título original: *L'Analyse du Discours Numérique*.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETROSSIAN, Lena. Do nascimento ao renascimento da Astrologia. *In*: MORIN, Edgar; et ali. **O retorno dos astrólogos**. Lisboa: Moraes, 1972, p. 15-27.

SILVA, E. L; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação**. 4 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2005.

STAUDT, Ana Júlia Tavares. **Discurso astrológico**: condições de produção e interdiscurso no horóscopo das revistas Capricho e Cláudia. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

SUZUKI, Marilha Maneschy. **Astrologia no Brasil**: os caminhos da história no céu austral. Rio de Janeiro: Interciência, 2007.